encontro
com
o mar
PÄR LAGERKVIST / PRÊMIO NOBEL
EDITORA GLOBO

Em "A Morte de Ahasverus", deixamos Tobias, o convertido hesitante — ex-soldado, femeeiro, bandido — a bordo de um navio pirata, com destino à Terra Santa.

Nesta novela, Tobias conhece o padre degradado Giovanni, membro da tripulação. Giovanni conta-lhe a história de sua paixão por uma mulher casada, sua penitente — uma avassaladora paixão nascida através da grade do confessionário. Aconselha Tobias a abraçar a incerteza como a única certeza, a não se preocupar com a justiça e a injustiça, a verdade e o êrro, o bem e o mal. Incita-o a aprender a aceitar-se a si mesmo tal como é, a ser enfim livre.

Pär Lagerkvist, Prêmio Nobel de Literatura, completa com êste livro a sua tetralogia, iniciada com "Barrabás" e continuada em "A Sibila" e "A Morte de Ahasverus". Seu tema, sempre atual, é a busca de Deus e o conflito entre a fé e o conhecimento, o mêdo do vazio e a procura (vã, no caso) de um sentido para a vida, pois estamos em peregrinação para a Terra Santa, mas nunca chegamos ao destino: somos peregrinos sôbre o mar.

Em 1940 Pär Lagerkvist foi eleito um dos dezoito *imortais* da Academia Sueca. Em um decênio, esta honra alcançou repercussão internacional quando êle recebeu o Prêmio Nobel. Mas a carreira de Lagerkvist como teatrólogo, romancista, poeta e pensador, foi uma evolução, mais do que uma explosão, e abrange meio século de quase quarenta livros.

Mesmo em suas primeiras obras, Lagerkvist mostrava uma tendência para a experimentação e o espírito de oposição. Depois de uma visita a Paris, em 1913, voltou a Estocolmo imbuído das muitas tendências novas que descobriu no mundo artístico dali, especialmente o cubismo e o expressionismo, e ràpidamente publicou um panfleto, que foi debatidíssimo. Êsse trabalho tem dois subtítulos significativos: "A decadência da ficção moderna — a vitalidade da arte moderna." Nêle sustentou a virilidade e a originalidade do cubismo, e quis ver a mesma fôrça e poder penetrando a literatura. Voltou-se contra a literatura naturalista, reclamou uma arte mais sóbria e severa, e apontou como modelos as estórias e o folclore de muitos países e eras, entre êles as antigas sagas islandesas, o Alcorão, e a Bíblia.

Com o correr do tempo, criou um estilo mais simples, mais concentrado. Mas, sempre humanitário em seu escopo, continuou a acompanhar as lutas do gênero humano em tôrno do bem e do mal.

Embora tenha passado longos períodos noutros países europeus, Lagerkvist reside na sua Suécia nativa.

Coleção *Sagitário*

PÄR LAGERKVIST

ENCONTRO COM O MAR

Traduzido do inglês por
JUVENAL JACINTO

EDITÔRA GLOBO

Depois de embarcar no navio pirata, que devia levá-lo à Terra Santa, o peregrino encontrou descanso, e não mais foi perturbado por nenhuma espécie de temor. Uma sensação de paz, como jamais conhecera, desceu sôbre êle quando se deitou no beliche, no ventre do barco, as mãos trançadas no peito, antes com tanta freqüência inquieto. Fora, o vento e o mar rugiam. Não ignorava que o navio era um velho e mísero casco e a tripulação uma escória sem préstimo; e no entanto, surpreendentemente, sentia-se em segurança; entregava-se totalmente àqueles homens e aos agitados elementos. Pagara sua passagem; dera-lhes tudo o que possuía — todo o seu dinheiro mal-havido — e os homens o tinham contado furtivamente, sem conceder nenhuma importância às nódoas de sangue. Agora cavalgavam as ondas revôltas, com destino à terra para onde haviam prometido levá-lo. Acreditava nisso; por alguma razão, sentia-se mais confiante do que jamais acontecera em sua vida. Embora se lembrasse da explosão de gargalhadas dos tripulantes quando largaram do cais, estava despreocupado, e não duvidava de que o conduziriam para aquêle país distante, pelo qual tanto ansiava.

Em breve adormeceu, como acalantado pelos vagalhões — pelo mesmo mar que o cercava com seu desassossêgo e incerteza, e que no entanto lhe trazia a paz.

Quando acordou, já não estava tão escuro, e viu um homem ali sentado, olhando-o. Parecia achar-se assim havia já algum tempo, como a esperar que êle despertasse, e a observá-lo enquanto dormia. Era um indivíduo de aspecto brutal, a bôca larga, a cara grande e glabra, mas de cabeleira espêssa, meio encanecida, e sobrancelhas escuras, o que lhe acentuava a dureza e a penetração do olhar inquisitivo.

— Está acordado, agora? — perguntou, com uma voz que seria de prever-se mais áspera e hostil. — Então talvez me diga quem é e o que pretende. Que está fazendo a bordo?

— Você sabe. Deve saber qual é o destino dêste barco.

O homem murmurou algo inaudível.

— Sim. Naturalmente — disse em seguida, com sequidão.

Durante algum tempo examinou o peregrino, esquadrinhando-lhe o rosto fino, duro, e as mãos longas e peludas, cruzadas sôbre o peito.

— Você não parece peregrino — observou.

O outro lançou-lhe um olhar rápido, quase aflito; depois, cauteloso como se esperasse que o gesto não fôsse percebido, descruzou as mãos.

— Você tem o mesmo jeito do resto de nós, e convém que seja assim. Penso que é uma boa coisa, para você. Apesar, naturalmente, da pele e dos cabelos claros. De onde é?

Não obteve resposta.

— E também não está vestido como um dêles. Quero dizer, como peregrino. Por quê? Como é o seu nome?

Nenhuma resposta ainda.

— Está pensando que não tenho nada com isso — disse o homem, com uma risadinha. — E tem razão. De qualquer forma, podia me dizer.

— Tobias.

— Hã. Bom, não faz diferença saber-se o nome de uma pessoa ou de onde ela vem, uma vez que esteja a bordo dêste navio. Então, já nada importa.

Continuou fitando nêle um olhar intenso, perscrutador, que causou mal-estar a Tobias.

— Suponho que pretendia viajar no navio de peregrinos, não?

— Mas é claro.

— E perdeu-o. Foi isso?

— Sim.

— É o que eu imaginava. E teve então de tomar êste, em vez do outro. E êste também serve. Embora não seja um meio muito comum de viajar para a Terra Santa — acrescentou rindo. — Contudo, se o capitão prometeu levá-lo até lá, então êle o levará, naturalmente. Claro. É um homem honesto:

não há dúvida, quanto a isso. E você pagou, de sorte que está acertado. Deu-lhe tudo o que tinha?

— Dei.

O homem passou a mão pela bôca, como para esconder um sorriso.

— Êle deve ter achado que você não precisaria de mais nenhum dinheiro, de agora em diante. Deve ser isso, e naturalmente tem razão. É melhor ficar com o dinheiro. Mais seguro. Foi o que pensou.

"Se por acaso você guardou algum dinheiro", prosseguiu, "não deixe que o vejam. Esconda-o... Poderia precisar dêle quando chegasse a essa Terra Santa... se chegar lá. E naturalmente há de chegar. Claro. Mas diga-me, por que deseja ir lá?"

— Por quê?

— Sim. Gostaria de saber. Queria que me falasse a respeito disso.

— Certamente porque interessa a mim.

— Claro que sim. É por isso que eu queria que me falasse. Que é que o entusiasma tanto? Pois está entusiasmado, você sabe disso. Bastante para pagar qualquer soma... tudo o que possui. Estranho, não acha?

Tobias não deu resposta.

— O navio de peregrinos zarpou (refiro-me ao que leva os verdadeiros peregrinos) e aí você tocase para o pôrto e toma um calhambeque qualquer, sem se importar com a intempérie. Curioso, sem dúvida!

Tobias ainda não deu resposta.

— Não é que não se trate de um bom barco... um ótimo barco... não quero dizer isso. Estou embarcado já faz muitos e longos anos, de sorte que tenho de saber. E tem uma boa tripulação: gente capaz, honesta. Posso atestá-lo. Com êles, estamos em segurança: agüentam qualquer tempo. Não pertencem ao gênero tímido: não têm mêdo de nada. Não temem nada, nem a deus nem ao diabo. Portanto, se há quem possa levá-lo à Terra Santa, nós somos um dêles. Mas diga-me, por que está tão ansioso por ir lá?

Tobias tornou a não dar resposta e o outro também permaneceu calado, sondando aquêle rosto áspero, obstinado, excessivamente tenso, como que chaveado e trancado.

— Tenho visto muitos dos verdadeiros peregrinos — continuou, após um instante. — A gente esbarra nêles, lá no pôrto, quando estão esperando pela partida do navio. Geralmente puxo conversa com êles, faço-lhes perguntas, embora não saiba por quê. Não gosto dêles. Não gosto mesmo. Revoltam-me. Depois de olhar um pouco para aquelas caras, é bom voltar para o mar. Especialmente quando venta como a noite passada. Como se terão comportado? Seria divertido saber.

"Sim, não gosto dêles. Também não gosto de vo-

---

* O uso que o A. faz de iniciais minúsculas com referência à divindade, reflete o grau de crença religiosa das personagens. *(Nota do Editor.)*

cê. Mas você não se parece com êles. Não tem jeito de peregrino."

— Que mãos peludas você tem! Ferrante tem as mãos assim, embora os cabelos sejam prêtos. Cuidado com êle. É o único de quem precisa acautelar-se; os outros são gente boa (todos êles) conforme já lhe disse. O único que deve vigiar é o das mãos peludas como as suas. Fácil de lembrar.

Fêz uma pausa, mas continuou a observar Tobias com tanta atenção como antes.

— Porque interessa a você. Foi como disse. E é por isso que não está com o bando geral, o rebanho comum de ovelhas que segue aquela cruz, possuindo uma alma em comum, por assim dizer. Você vem só. Faz peregrinação por conta própria, à sua maneira. Provàvelmente nem sequer tem uma cruz... ou será que tem? Nem tanto como um rosário com uma cruzinha. Sim, eu vi logo que não tinha. Nada levava nas mãos. Estavam vazias. Não, uma cruz não se harmonizaria com mãos como essas... como as de Ferrante.

"Quer ser um peregrino. Quer ir à Terra Santa. Qual a razão? Que tem que fazer lá um homem como você?

"Se está tão decidido quanto a isso, naturalmente que o levaremos lá. Não é preciso dizer. Havemos de levá-lo de um ou de outro jeito, tal como o capitão prometeu. Quando empenhamos nossa palavra, cumprimo-la: somos assim. E você pagou. En-

tregou tudo o que possuía, como um verdadeiro cristão. Embora não pareça um cristão: parece honesto. Como o resto de nós. Há de adaptar-se a nós, vai ver; tornar-se-á exatamente como nós, logo que se acostumar com uma ou duas coisas que a princípio talvez o surpreendam. E com essas mãos pode certamente dar conta do recado: parecem afeitas a qualquer serviço, à espécie de serviço que também pode apresentar-se aqui. Acho que embarcou no navio certo.

"Já se fêz ao mar alguma vez?"

— Não. Nunca.

— Então nada conhece a respeito dêle?

— Nada.

— Pois tem muito que aprender. Aprende-se muita coisa com o mar. Olhe, a gente pode percorrer países e países, varar campos e grandes cidades jamais vistas, palmilhar tôda a vasta terra, e jamais aprender tanto como se aprende com o mar. O mar sabe mais do que tôdas as coisas restantes da terra, se você procurar aprender com êle. Conhece todos os segredos antigos, por ser êle próprio tão velho: mais velho do que tôdas as coisas. Conhece os segredos de você também, não tenha dúvida. Se se lhe entregar inteiramente e o deixar reinando, se não se detiver em ninharias, não esperar que lhe ouça os fúteis resmungos enquanto êle estiver rugindo e açoitando o barco, então êle poderá trazer paz à

sua alma. Se tiver alma. E se a paz é o que procura. Ignoro isso, e não é da minha conta. Mas fique certo, não obterá descanso para sua alma a não ser do mar, que, quanto a si, jamais obtém descanso. Assim é. Isto eu posso dizer-lhe.

Sim, nada há como o mar. Nenhum amigo igual, ninguém capaz de ajudar tanto, capaz de salvar um pobre-diabo. É o que eu queria dizer-lhe. E pode confiar no que lhe digo e ter a certeza de que é a verdade. Sei do que estou falando.

"Embora talvez não devesse chamar a êle meu amigo; poderá ser presunção. Devia falar dêle com mais humildade e veneração: com maior reverência. Como de uma coisa santa. Porque é assim que o sinto. O mar é a única coisa que tenho por santa. E todos os dias dou graças pela sua existência. Embora êle ruja e se enfureça, eu lhe agradeço. Porque êle dá a paz. Segurança, não; paz. Cruel, áspero, implacável, e no entanto dá a paz.

"Que faria na Terra Santa, quando há o mar — o mar santo?"

Imerso em seus pensamentos, já não parecia consciente da presença do outro homem. Com a cabeça caída sôbre o peito, a expressão de seu rosto grande denotava introspecção e um melancólico excogitar.

— Quando pela primeira vez embarquei neste navio — continuou, depois de algum tempo — nunca tinha visto o mar. Muitas outras coisas vira: de-

masiadas. Vira gente: gente em demasia. Mas nunca o mar. Por isso jamais compreendera nada, nunca entendera coisa alguma. Como se poderá compreender algo da vida... compreender e penetrar nas pessoas e nas suas vidas... antes de aprender do mar? como ver através de suas lutas vazias e ambições estranhas, enquanto não olharmos para o mar, que é ilimitado e suficiente em si mesmo? Enquanto não aprendermos a pensar como o mar e não como essas criaturas inquietas que se imaginam a caminho de algum lugar e têm essa viagem pela coisa sôbre tôdas importante, e para as quais seu têrmo é o significado e o propósito da vida. Enquanto não aprendermos a deixar-nos levar pelo mar, a render-nos totalmente a êle, e a cessar de atormentar-nos por causa da justiça e da injustiça, da verdade e do êrro, do bem e do mal, por causa da salvação, da graça e da condenação eterna, por causa do diabo e de deus e suas estúpidas contendas. Enquanto não nos tornarmos tão indiferentes e livres como o mar e não nos deixarmos levar, sem destino, para o desconhecido, totalmente entregues ao desconhecido: à incerteza como única certeza, unica coisa realmente digna de confiança depois que tudo foi dito e foi feito. Enquanto não aprendermos tudo isso.

"Sim, o mar muito pode ensinar-lhe. Pode dar-lhe sabedoria, se é isso o que deseja. Pode ensiná-lo a viver."

Calou-se, e Tobias ficou de olhos fitos nêle, espantado com o que ouvira. E, também, curioso quanto ao próprio homem: quem poderia ser êsse para falar desta maneira, com aquêle rosto espêsso, duro — talvez endurecido pelo mar, a que chamava santo. O mar santo... fôsse lá o que quisesse significar com isso. Difícil dizer. Mas lembrou-se da singular sensação de paz que o envolvera, ali no escuro e sob a tempestade, quando se entregara — quando tinha encontrado descanso com o mar. Sem temor, sem se preocupar com nada.

Não se inquietar tanto; alcançar a paz... Segurança, não; paz.

Não correr com tanta ânsia atrás de algum escopo — algum propósito — como êle fizera; não se lançar, inflamado, em busca de um alvo particular. Não ficar a julgar-se a si mesmo, culpando-se de más ações, de fraude e desonestidade; de talvez não ser um verdadeiro peregrino, e do sangue que poderia estar no dinheiro que pagou a passagem para a Terra Santa... isto é, se *houver* uma terra santa, e não apenas o mar...

Não se afligir tanto, não se transtornar, nem desesperar, por não haver alcançado nenhuma certeza nem estar seguro de nada — de nada absolutamente... Ficar contente com a incerteza, contente e feliz com ela; escolhê-la. Escolher o desconhecimento e a incerteza... Escolher cada um a si mesmo

tal como é. Ter a coragem de ser o que é, sem autocensura.

E eleger o mar, o mar incerto, sem fim e desconhecido, e uma intérmina viagem sem nenhum destino fixado — sem qualquer destino...

Nisto ia êle pensando, de olhos fitos no homem que assim o induzira a pensar; o homem que estava sentado ao seu lado e já não parecia notá-lo, não mais lhe falava, e cujo olhar, antes tão aguçado e curioso, agora parecia totalmente desligado de tudo quanto o cercava: ausente, remoto. Estaria perscrutando o mar bem-amado ou algo a que dava êsse nome? Seu rosto severo, castigado pelas intempéries, já não parecia tão duro; abrandara-se um pouco, tornara-se quase doce. Tobias agora podia discerni-lo melhor, porque a claridade aumentara.

Após um instante, o homem emergiu de seus pensamentos e encarou-o, sorrindo um tanto embaraçado por ter ficado tão absorto.

— Agora vai subir para o convés, não? — disse. — Certamente não pretende ficar aí todo o dia!

Tobias levantou-se e juntos subiram a obscura escada que levava ao convés.

A luz do sol inundava, brilhante, o largo oceano e no céu não havia uma só nuvem. A extensão das águas parecia sem fim e em parte alguma se divisava terra. O mar continuava picado, embora se

tivesse acalmado um pouco durante a noite; aqui e ali, a espuma espadanava das ondas. Soprava um vento fresco e o barco deslizava a todo o pano. Até agora não fôra localizado nenhum recife, mas os homens estavam a postos para os casos de necessidade — algo que acontecesse nesta viagem insegura. O barco, porém, parecia manobrar por si próprio; flutuava bem e parecia construído precisamente para um tempo como êste. Os homens não olharam para os recém-vindos, embora naturalmente os tivessem notado; e não os saudaram. No leme, estava um homenzarrão cujos braços e pernas pareciam marrêtas; nêle, tudo era maciço e descomunal; apenas a cabeça, totalmente calva, com dois grossos rolos de carne no cachaço, era de fato pequena. Dir-se-ia um papão; mas havia um sorriso bem-humorado nos seus beiços grandes e espessos. Olhava repetidamente para a ré, atento aos assomos do mar.

Ao seu lado, estava um homem de postura negligente, maltrapilho, pequeno e franzino; trazia azedume nas feições frouxas, e nos olhos miúdos uma agudeza aquilina. Voltou-os para Tobias, de relance e aparentemente com indiferença; em seguida, deu-lhe as costas. Tobias reconheceu nêle o homem que contara o seu dinheiro à noite anterior e compreendeu que era o capitão. Isto o deixou um pouco surprêso.

Vagalhões rebentavam contìnuamente na cober-

ta, atirando torrentes de água para um e outro lado. Tobias tinha dificuldade em manter o equilíbrio; vacilando, procurou algo onde agarrar-se. Perto, estava parado um homem, a zombar dêle. Alto e desengonçado, tinha exatamente a sua altura e era exatamente tão musculoso e enxuto de carnes como êle, mas os cabelos caíam-lhe em franja negra pela testa e côtos de barba obscureciam-lhe a cara tôrva, inamistosa. Sua bôca era fina e contraída, e em conjunto tinha o aspecto repulsivo. De vez em quando, lançava um breve olhar para o capitão, e uma vez, quando êste acenou com a cabeça, puxou a escota de boreste com as mãos longas, finas e cobertas de pêlos negros, que seguravam o cabo como garras.

O homem que acompanhara Tobias até o convés fôra atender seus deveres, deixando-o sòzinho com esta personagem de aspecto desagradável. Para evitá-la, Tobias dirigiu-se para bombordo. Ali encontrou um homem que o recebeu quase com cordialidade; pelo menos estava disposto a conversar. O vento nas velas e o contínuo gemer do aparelho tornavam-lhes difícil entenderem-se, mas o homem, quase encostando-se em Tobias, tentou cauteloso extrair dêle que espécie de homem era. Falhando — pois Tobias não lhe deu resposta — limitava-se agora a olhá-lo de esguelha. Baixo e mirrado, ombros caídos, peito cavado, tinha o rosto estreito, pontudo e absolutamente sem côr, e o pescoço tão descarna-

do como o de um pássaro depenado. Os olhos eram miúdos e astutos, propiciatórios; parecia ansioso por agradar e portar-se como aprouvesse ao outro.

Fàcilmente, Tobias levou-o a contar-lhe dos outros homens da tripulação: o tipo maltrapilho e de rosto azêdo, ao lado do gigante, era efetivamente o capitão do barco, aquêle a quem todos temiam; o gigante possuía fôrça bruta e mais nada, mas era útil em caso de necessidade, e o homem alto e todo músculos se chamava Ferrante: bom companheiro, e o melhor marujo do navio. Quanto a si, chamava-se Giusto, e não era muito precisamente um marinheiro; encarregava-se de outras questões, acrescentou com um sorriso parvo no rosto cinzento de rato, e passou a mão na bôca.

Tobias estava, acima de tudo, curioso por saber quem era aquêle estranho homem que o visitara lá em baixo, no castelo de proa, que o observara enquanto dormia, e depois lhe falara, de modo tão singular, de coisas que talvez Tobias também trouxesse no íntimo, mas que jamais julgara alguém pudesse atrever-se a dizer, ou sequer a pensar. O homem que pronunciara palavras que muito poderiam vir a significar para êle — descomprometê-lo talvez, e torná-lo livre.

Giusto estava mais que pronto a falar dêsse homem, e no seu olhar oblíquo um lampejo malicioso se antecipou ao que ia dizer. Espreitando a Tobias, abaixou a voz, embora com tal vento fôsse de todo

desnecessário, e, soprando seu bafo acre, falou junto do ouvido do outro.

Aquêle homem era um padre degradado — quem, no entanto, havia de imaginá-lo? Ninguém iria acreditar que patife daquela marca tivesse, um dia, sido servo de deus. Contudo, dizia-se que, quando embarcara, trazia a cabeça raspada e estava terrìvelmente magro e pálido — bem diferente do homem de agora. Giusto nunca o vira dantes, e tampouco qualquer um dos outros, pois isso fôra muito tempo atrás, muito tempo; era o mais antigo dos tripulantes — mais antigo que todos, incluindo-se o capitão. Talvez estivesse com o barco desde que êste existia. Giusto ignorava-o.

Qual a sua idade? Difícil dizer. Sim, parecia mesmo um velho lôbo-do-mar. Diziam que êsses veteranos ficavam tão bronzeados e aclimatados que não tinham idade própria. Êste não era bom navegante — tinha-se por tal, apenas — embora gostasse do mar; bom, lá isso devia gostar, pois havia tanto tempo que o percorria. — E bem pode ser que nunca tenha sido padre... pois homem tão ímpio eu nunca conheci em tôda a minha vida.

Tobias devia ter demonstrado surprêsa e talvez mesmo incredulidade, pois Giusto entrou numa longa explicação sôbre quanto êste padre degradado era ímpio — que abominável blasfemador e devasso — o pior que pudesse haver. Finalmente, levou a mão à boquinha de rato e, casquinando, contou

que num dos portos de escala o padre freqüentava uma puta a quem chamava "a filha de deus", porque era do mesmo povo do nosso salvador. Sempre que lá escalavam dormia com ela, dizendo que essa mulher também podia trazer a salvação e que isso provàvelmente era a vontade de deus, embora fôsse a fêmea mais vagabunda que se poderia encontrar em qualquer pôrto. E se isso não era ser blasfemador e devasso a um só tempo, então que era? E se satanás não estivesse satisfeito com tal pecador, que mais *queria?* Hem? — Acredito que vai arder no fogo do inferno enquanto sobrar um tôco de lenha. Não acha?

"Mas é engraçado", continuou, sem uma pausa. "É um sujeito tão bom... bom e amigo de todos. Sempre foi bom e generoso comigo, de modo que eu não devia dizer uma só palavra contra êle, nem contar-lhe nada disto. É o mesmo com todos, e todos gostam dêle; só há Ferrante que não o tem em grande conta... e o capitão, naturalmente, que não gosta de ninguém. É um terrível pecador, quanto a isso não há dúvida... mas é um homem *bom,* isto é verdade.

"O nome dêle? Não sabe? Pensei que soubesse. É Giovanni. Chama-se Giovanni, conforme o discípulo que *êle* preferia, lembra-se? Giovanni. Sim, é êsse o seu nome, seja como fôr que o tenha recebido. Mas uma pessoa tem de ser chamada de algum jeito, eu acho."

Tobias lançou, a furto, um olhar curioso ao homem de que estavam falando: aquêle homem grande que o procurara, na penumbra lá de baixo, e lhe desvendara um mundo nôvo, por assim dizer, uma vida nova, e que agora estava ocupado com alguma coisa na proa, isolado, anônimo, as costas largas e vigorosas voltadas para êle.

Tobias afastou-se um pouco do tagarela e seu bafo azêdo, e, quando mais uma vez se viu sòzinho, pôs-se a refletir no que ouvira.

Giovanni... o discípulo que *êle* preferiu...

Para a proa, avistava-se terra — uma nesga de terra, uma ilhota que se erguia acima do horizonte e gradualmente se aproximava. Suas colinas se iam tornando mais nítidas; a princípio, pareciam nuas e desoladas, mas posteriormente viu-se que as encostas estavam cobertas de àrvorezinhas cinzentas, sem dúvida oliveiras, com vinhedos de permeio. Ao longo da praia estreita, agora mais claramente discernível, cresciam altas árvores e uma vegetação extensa, luxuriante e variada. Ali, o solo evidentemente era fértil: o mais fértil de tôda a ilha. À medida que se aproximavam, um aroma como Tobias jamais conhecera veio envolvê-los. Nessa praia, pujantes pinheiros mansos erguiam seus penachos contra o céu limpo, e outras árvores desconhecidas dêle, e com troncos ainda mais vigorosos, subiam do

solo fecundo enredadas em mirtos, heras e outras trepadeiras, como se a terra, em sua prodigalidade, quisesse que tôdas as coisas nascessem e medrassem.

Num ponto da costa havia uma imprevista entrada, pequena, que levava a uma laguna perfeitamente circular, proporcionando o pôrto mais seguro e melhor que se pudesse imaginar, completamente protegido de tôda agitação marítima. Levaram o navio através da estreita entrada, transpondo as águas turbulentas com a perícia da prática, e penetraram naquele tranqüilo lago, cuja superfície mal se encrespava.

Na realidade, êste plácido pôrto era a cratera de um vulcão extinto. A ilha, de formação ígnea e cheia de cavernas, tinha a superfície totalmente pontilhada por fontes termais, águas sulfurosas e lugares de onde sempre estava brotando vapor do solo. Entretanto, tudo estava envolto em aromas e vestido pelas louçanias e prodigalidades da natureza.

No lado mais distante, fundeara um grande e belo navio, com a pôpa voltada para o cais e a pesada amarra da âncora pendendo da proa. Todos os panos tinham sido arriados e secavam ao sol, de sorte que o altaneiro aparelho ficara nu. O convés estava apinhado, não de marinheiros mas de gente de tôdas as classes, de ambos os sexos; andavam ao léu, sem nada que fazer. Era o navio de peregrinos, ao qual Tobias chegara demasiado tarde.

Deslizando, o navio pirata foi atracar ao seu lado.

Giovanni, que estava na proa, de pé, jogou o cabo para terra, a um homem de aparência andrajosa, a quem parecia conhecer bem, e depois fitou um olhar rápido e desdenhoso no capitão do navio de peregrinos. Debruçado no parapeito, o capitão demonstrava ansiedade ante o risco de seu belo navio ser arranhado pelo barco recém-vindo. Ao lado do navio de peregrinos, que se erguia muito acima das águas, a embarcação dos piratas parecia mesquinha e lamentável: mal conservada, com avarias, tinha as velas remendadas e sujas. Alguns elementos da tripulação do belo navio vieram dar uma olhadela ao outro, e fizeram comentários compadecidos. Os ociosos peregrinos também para ali acudiram, em busca de variedade, e deixaram-se ficar.

Giovanni a todos ia encarando com ferocidade.

— Que estão fazendo aqui? Com mêdo de pôr-se ao largo porque está ventando um pouco? Fracalhões! Cães medrosos! Correndo para o pôrto só por causa de umas maretas... e com êsse enorme navio! Vão ficar pregados aqui nesta lagoa suja, com êsse barco fantasiado? Não se destinavam à Terra Santa? Hem? Ao sepulcro dêle... aos lugares onde êle foi supliciado e onde morreu? E metem-se nesta lagoa suja porque acham que está ventando um pouco lá fora. Oh, miseráveis bastardos, procurando abrigo a caminho do Gólgota! Será que *êle* fêz isso...

será que o deixaram fazer? Mas vocês estão fazendo. E acham que êle os receberá bem e vai ficar contente e grato a vocês por irem saudá-lo em sua própria terra e verem a espécie de vida que foi a sua quando era um homem como vocês, e os estava salvando, era crucificado por amor de vocês? É isso que pensam, não? Pensam que êle se rejubilará ao vê-los, e que seu pai ficará encantado ao recebê-los algum dia no reino da glória, a vocês que foram tão bondosos que visitaram todos os lugares onde seu filho sofreu e morreu. Que dirá êle, já o imaginaram, quando receber hóspedes tão eminentes? Querem que eu diga? Querem? Pois prestem atenção! Escutem!

" 'Covardes!' dirá êle. 'Malditos covardes! Como esperais entrar no meu reino quando a caminho correstes em busca de pôrto? Pensais que vos deixarei entrar? Acreditais que desejo criaturas pusilânimes como vós? Devíeis saber que eu quero *homens,* e não um rebanho medroso.'

"Arre! Olhem para as próprias caras! Dão náusea. Êle também terá náuseas. Cuspirá nos olhos de vocês quando tentarem entrar no seu reino, e lhes dirá que vão para o inferno em vez do céu. É o que fará, garanto!"

Todos escutavam com assombro esta violenta apóstrofe, articulada com voz estentórea para que a ouvissem os que estavam acima dêle, e com apai-

xonada veemência apesar de seu aparente ar trocista.

Não só aquêles que eram alvo de sua ira o escutavam com espanto, mas também as pessoas que estavam no cais. Estas pareciam constar principalmente de vadios da cidade e outras personagens ainda mais suspeitas, e todos riam alto, apreciando grandemente êste divertimento gratuito. Os peregrinos, contudo, se limitavam a olhar, boquiabertos, muito atordoados mesmo para ofenderem-se com a zombaria e as aterradoras blasfêmias de Giovanni. Durante algum tempo êste continuou sem pausa a apaixonada objurgatória, descarregando o seu ódio e desprêzo por êles, pelo barco e por tudo o que estava implícito na própria existência daquela gentalha e sua viagem oficial através do mar.

Enquanto a atenção de todos estava assim distraída, desenvolvia-se uma curiosa atividade na proa do navio recém-atracado. Pacotes e fardos misteriosos eram precipitadamente descidos para as mãos de alguns malfeitores, em terra, os quais se sumiam com êles numa das estreitas vielas que saíam do pôrto. O franzino Giusto dirigia a operação, com o auxílio do gigante e de Ferrante. O gigante mostrava-se não só vigoroso como também, e inesperadamente, lesto, a despeito de sua corpulência; ao passo que Ferrante, totalmente desinteressado, cumpria a sua parte da faina com uma atitude sombria e escarninha para com tudo e com todos que o cercavam, in-

cluindo-se Giovanni e seu discurso. Eram ambos fortes e trabalhavam ràpidamente, mas sempre debaixo da vigilante direção do homenzinho de cara de rato.

Ninguém lhes percebia as ações, nem mesmo os metediços agentes do fisco, que vergavam de riso como todo o resto da malta e só tinham olhos e ouvidos para Giovanni e sua torrente de eloqüência. Quando tudo estava concluído e encerrado, e Giusto havia informado o capitão, êste avançou apàticamente e travou uma longa discussão com um homem gordo do cais, até que afinal o gordo saldou o que era devido. O capitão parecia não sentir qualquer gratidão pelos eficientes serviços de Giusto; pelo menos não o demonstrava, e seu rosto mantinha o ar habitual de insatisfação.

Os peregrinos, enfim, reagiram a tôda a zombaria e injúria, desprêzo e irrisão, a que êles e sua emprêsa haviam sido expostos; e o fizeram de modo inesperado e um tanto estranho. Nem se defenderam nem revidaram. Limitaram-se a erguer as vozes entoando a sua canção do peregrino: canção que não fôra composta por êles, mas agradável de per si e primorosamente interpretada. Seu tema era a Jerusalém celestial, a cidade pela qual suspiravam e para onde se dirigiam. Todos escutavam com respeito e em profundo silêncio; até a bagaceira reunida no cais se mostrou reverente; e os agentes do fisco. Todos tinham o rosto levantado para os

cantores, à escuta. Giusto também ouvia respeitoso, com a careta de rato erguida, esticando o pescoço com seu grande pomo-de-adão; havia uma emoção real no incessante piscar de seus olhos miudinhos. Só o capitão, dando de ombros, voltou as costas para tudo isso; e a fisionomia desdenhosa de Ferrante permaneceu inalterada.

Certamente, um poder maravilhoso morava naquela gente, embora talvez quase nenhum dêles tivesse valor — talvez até fôssem desprezíveis. Mantinha a sua insensível audiência — a ralé do cais — num silêncio repassado de temor, transfigurada ainda que por um instante. Era de fato um poder notável, viesse de onde viesse.

Tobias olhava para cima e, como os demais, escutava, mas um tanto à parte. Estava muito sério e tinha os olhos fitos nos cantores. Teria sido difícil imaginar-lhe os pensamentos, porque o rosto, como habitualmente, nada revelava, embora estivesse menos teimosamente reservado do que de costume. Tinha a bôca entreaberta, como uma criança, e seus lábios mexiam-se um pouco, como se êle também quisesse cantar mas não soubesse a letra.

Não acompanhara a hilaridade geral por ocasião da apóstrofe de Giovanni. Talvez porque não fôsse de natureza jocosa, ou por alguma outra razão — alguma razão a mais. Um traço o distinguia da grande maioria: era constantemente absorvido — talvez mesmo obsedado — pelas questões essenciais

e por nada mais. De seu rosto severo e rígido como uma máscara, podia-se deduzir que lhe eram negadas muitas alegrias humanas e que talvez estivesse livre de muitas preocupações menores. Não seria de estranhar se assim fôsse.

Não percebeu que Giovani estava logo atrás dêle — que viera postar-se ali — senão quando lhe ouviu a voz petulante e escarninha:

— Aí está o seu navio de peregrinos em que tanto queria embarcar! Por que não embarca logo?

Voltando-se, angustiado, Tobias fitou o rosto amargurado e revôlto. Mal o reconheceu. Seria o mesmo homem que pronunciara aquelas palavras memoráveis, lá em baixo, no interior do barco?

Sabia que era. E debaixo do escárnio e da ira — simples aspectos incidentais — percebeu-lhe a verdadeira face, séria e profunda, marcada por longas e atormentadas reflexões. Essa face era-lhe querida. Não se separaria dela.

Não respondeu à pergunta; e nos olhos de Giovanni passou um lampejo triunfante, quase mau, quando percebeu que êste estranho peregrino não escolhia o belo navio adequado, mas o seu barco sujo, avariado, velho, do qual tudo se podia esperar menos uma viagem conveniente à Terra Santa. Evidentemente não desejava chegar lá à maneira dos outros.

Agora, depois de uma escala breve mas proveitosa, os seus companheiros levantaram ferro e uma

vez mais içaram as velas. O pouco vento que entrava no pôrto soprava contra êles, de sorte que tiveram de bordejar e decorreu algum tempo antes que tomassem uma sensível distância do outro barco.

— Lembranças à Terra Santa, se algum dia tiverem coragem de ir até lá! — berrou Giovanni, da proa. — E ao filho de deus... se é que o tem! — acrescentou, com uma risada grosseira, que, vindo dêle, soou estranhamente falsa.

Quando haviam transposto o estreito, e o vento mais uma vez lhes enfunou as velas, todos rebentaram numa explosão de gargalhadas, em regozijo pelo bem sucedido golpe. Até Ferrante se riu, e Giovanni os acompanhou com sua risada retumbante, bem-humorada. O riso do gigante era fenomenal: as maxilas se abriam numa imensa caverna vermelha capaz de tudo tragar. Comparado com isso, o júbilo de Giusto não passava de um débil guincho alegre, produzido pelo seu focinho pontudo. O capitão levou a mão à bôca e desceu os olhos, embaraçado; ninguém poderia dizer se de fato ria, ou não.

Parado na proa, Tobias não participava da exultante alegria geral, que mal compreendia e à qual era indiferente. Alongava o olhar para o oceano, que tinha diante de si — uma vastidão sem uma nesga de terra, sem limites, infinita. O vento amainara um pouco, mas ainda soprava rijo em redor dêle. As águas também se haviam acalmado; já não

se encarneiravam; moviam-se numa longa ondulação, sôbre a qual o barco deslizava doce e ràpidamente num movimento quase imperceptível, descuidado e ufano, indiferente a tudo que não fôsse êle próprio, sob as velas remendadas e sujas, mas infladas pelo vento fresco.

Que destino buscavam?

Não o sabia. Algum dêles o saberia? Quando retomaram o seu curso, depois de deixarem para trás o pôrto seguro, a rota parecia apenas traçada pelo vento e pela maior conveniência de navegação do navio. Pelo menos assim lhe parecia, enquanto olhava para a frente, através da imensidão das águas, dêste mar que se abria desmesuradamente para todos os lados como se não conhecesse limites... como se só existisse o mar...

O mar santo...

Sem nenhum destino fixado, sem qualquer destino...

Apenas o mar... O mar santo...

A boreste, avistaram um barco de três mastros, encalhado; montara um rochedo e estava adernado. Devia ter-se chocado em plena fúria do vento, na noite anterior, transformando-se em uma carcaça. O lugar era notório por seus perigos, pois ali havia ilhotas desertas, circundadas por traiçoeiros re-

cifes escondidos, e êste não era o primeiro navio que se perdia entre êles.

Mudaram de rumo e dirigiram-se para os despojos.

Presumìvelmente, a tripulação, tivesse ou não sobrevivido, abandonara o navio. Pareciam poucas as probabilidades de que alguém houvesse escapado; contudo, à medida que a distância diminuía, podia-se ver que havia pessoas a bordo. Algumas, pelo menos. Faziam sinais insistentes, e quando o barco se aproximou, gesticulavam tomadas de grande alegria

O navio que devia socorrê-los virou de bordo e se pôs à capa ao lado do navio encalhado, enquanto os náufragos observavam a hábil manobra e saudavam os outros com ardente entusiasmo. Arriou-se uma escada e o capitão passou para bordo do outro navio, seguido por Ferrante, pelo gigante e por Giusto. Giovanni e Tobias permaneceram temporàriamente em seu próprio barco. Ir de um para outro navio não era fácil por causa dos vagalhões em tôrno dos rochedos; no entanto, os homens tinham, evidentemente, muita prática de tais operações.

Quando o grupo alcançou a coberta, alguns dos sobreviventes se puseram a explicar o que acontecera. Quando ocorrera o desastre, no meio da noite, arriaram o escaler, onde uns e outros, aos encontrões, procuravam achar lugar. Era demasiado o número dos que assim tentavam escapar, aos berros e sôcos, e lá em baixo, entre as ondas espume-

jantes, tudo era tumulto, pelo que era dado ouvir-se; quase nada se discernia naquela noite negra. De repente, uma enorme vaga veio rolando e tragou o escaler superlotado e os que se achavam a bordo, os quais lançavam gritos agudos e lutavam pelas suas vidas. Em um instante todos pereceram, ficando como únicos sobreviventes aquêles que não tinham conseguido atingir o escaler — os que não haviam disposto de fôrça suficiente para abrir caminho. Incluindo-se o capitão, que recusara deixar o seu navio. Mas o resto da tripulação abandonara-o, e por seu grande vigor físico lograra abrir espaço para si, como muitos outros também o fizeram — todos, exceto aquêles que agora restavam e que na maior parte eram pacatos mercadores, desafeitos a êsse terrível gênero de aventura. Agora agraƌeciam a deus, porque tinham sido deixados ali para morrer e, em razão disso mesmo, não haviam morrido, mas pela inescrutável graça de deus, se viam salvos de sua grande atribulação.

O capitão ouviu-lhes o relato com uma expressão sombria, não traindo nenhum interêsse particular pela circunstanciada narrativa. Quando terminaram, disse-lhes, sêcamente, que lhe passassem o dinheiro que possuíam; aceitá-lo-ia como prêmio por salvá-los. Sem o dinheiro, não haveria salvação.

Ficaram a olhá-lo, atônitos, e nenhuma demonstração deram de que obedeceriam à ordem.

— Não me ouviram? — perguntou êle, com rispi-

dez. — Certamente não pensam que vou salvá-los a trôco de nada? Entreguem todo o dinheiro que possuem e quaisquer outros valôres. E já!

Ficaram petrificados, primeiro pelo assombro, depois pelo mêdo e pelo terror de perderem suas posses. Alguns gaguejaram que nada possuíam, e para êstes o capitão sorriu sarcàsticamente, advertindo que isso era quase improvável diante do apuro com que vestiam; tampouco ouvira êle jamais falar de comerciantes que não tivessem bons materiais. Pelo que sabia, essa gente sempre andava bem provida de dinheiro. Mas não iria esperar aqui o dia inteiro. A menos que o dinheiro lhe fôsse imediatamente entregue, êle e seus homens o tomariam à fôrça.

— E de qualquer forma — acrescentou, voltando-se para um homem de aspecto diferente dos demais — o numerário em poder do navio passará à minha posse. Você, creio, é o capitão dêste navio. Ou antes, *foi*. O navio perdeu-se e eu tomei posse legal dos destroços. Vá lá em baixo e traga o cofre, por minha ordem.

O homem a quem se dirigiu era idoso, grisalho, antes gordo que atlético, de cara enérgica e expressão resoluta nos cândidos olhos de marinheiro. Aquêles olhos não exprimiam nenhuma consideração particular pelo colega que agora lhe estava dando ordens. Não obstante, sem uma palavra, desceu.

Enquanto isso, os mercadores começaram a parla-

mentar em busca de condições aceitáveis. Naturalmente desejavam recompensar os seus salvadores do incômodo — os seus serviços quase inestimáveis — mas dentro de limites razoáveis. Que soma propunham, perguntaram, à tradicional maneira comercial.

O capitão retrucou que agora não se tratava de nenhuma pechincha: a própria vida dêles estava em jôgo. E quando isso acontecia, um homem não pagava esta ou aquela soma, mas tudo o que possuía. *Tudo.* Compreendiam êles, *agora?*

Os comerciantes estavam afrontados. Ferviam de indignação e evidentemente não tinham a intenção de submeter-se. Qualquer coisa — sim, a própria morte — era preferível à perda de todos os seus haveres. Se tinham de escolher — se realmente era êsse o caso — as suas posses lhes eram mais caras do que qualquer outra coisa. Eram homens de paz, na realidade, mas não por qualquer preço, e algumas coisas lhes eram mais preciosas do que a vida. Se êstes despudorados extorsionários insistissem que não cabia transacionar, responderiam que a honra dêles, como comerciantes, estava envolvida e que recusavam tolerar semelhante insulto à sua respeitável profissão; haviam de mostrar que eram homens de honra e coragem, que não capitulavam diante de ninguém em defesa de si mesmos e de seus bens.

Neste ponto, o capitão tornou a aparecer na es-

cotilha, sem o cofre, mas munido de alfanje e faca, e trazendo outras armas. Estas, êle as distribuiu ràpidamente entre seus passageiros, que as empunharam sem tardança e começaram a manejá-las, com a maior habilidade que lhes era possível contra seus pretensos salvadores, os quais, segundo agora percebiam, não passavam de salteadores. Num instante, todos estavam empenhados num violento corpo-a-corpo, sôbre o convés inclinado; porque os homens do navio pirata responderam imediatamente, sacando das armas que traziam escondidas na roupa, e enfrentando os comerciantes. O capitão, seu chefe na peleja, dava ordens, decididas, breves, como estalos de um chicote, e exortava o gigante e Ferrante a atacarem ora aqui, ora ali, ora de um modo, ora de outro, na confusa refrega em que êle próprio, estranhamente, mal tomava parte. Mas, com dois olhos, que noutras ocasiões eram tão indiferentes, observava, rápido, tudo o que acontecia, superintendendo e acompanhando a marcha do combate calmamente e com aparente despreocupação, e dirigindo os seus homens com uma voz fina, mas penetrante.

Ferrante, de fato, precisava de poucas ordens; evidentemente era experimentado e destro em questões como esta e o seu sorriso desdenhoso mostrava que lhe davam satisfação e prazer. Surpreendentemente, parecia mais inclinado a dar cabo de suas vítimas por estrangulamento do que ao fio de ar-

ma branca; suas mãos longas, peludas, semelhantes a garras, saltavam ávidas sôbre a garganta do inimigo e só quando isto falhava, recorria à faca. Era uma faca estreita e longa, pontuda como uma agulha, que a vítima via flutuar diante dos olhos antes de lhe sentir a estocada. Ferrante executava sòzinho a obra hedionda, no seu estilo peculiar.

O gigante, por sua vez homem desajeitado e talvez meio bronco, não dispensava comando. Parecia uma massa inerte que requeresse um impulso para acioná-la; mas, uma vez êste iniciado, era de fato terrível. A dificuldade estava em despertar-lhe a selvageria e forçá-lo a superar a sua boa índole. Tentava proceder como se estivesse enraivecido, quando na realidade não estava. No comêço, isto era bem evidente; e assim maior era o contraste quando, valendo-se do chicote, o capitão conseguia incitá-lo até um frenético furor guerreiro. Os resultados eram aterradores, por causa de sua fôrça descomunal. Derrubava o adversário instantâneamente com os enormes punhos, e em seguida, puxando a faca, atirava-se contra a vítima, dobrando-se sôbre ela como um troncudo magarefe. Era terrível de ver: os olhos exorbitavam; a bocarra de beiços carnudos escancarava-se sob a tensão respiratória que o fazia arquejar; o couro nu da cabeça tornava-se rubro sob tamanha excitação. Mas quando se erguia, uma vez sacrificada a vítima, por um mo-

mento sorria quase com benevolência, antes de arremessar-se contra o seguinte.

Durante o selvagem recontro, o franzino Giusto se mantinha na retaguarda, tão longe quanto possível. Sentia-se deslocado e teria preferido sair furtivamente dali para se esconder. Era como um camundongo que prefere fugir quando os ratos estão comendo. Sua inatividade quase total — apesar da longa faca que levava, como os demais — não escapava à aguda observação de seu chefe, que de vez em quando lhe voltava um olhar irado; contudo, isso não vencia a inata covardia e o mêdo de Giusto. Temia ao capitão mais do que a qualquer outra coisa; não obstante, nisto não lhe obedecia.

Assim, apenas dois homens, do bando dos piratas, lutavam de fato, mas, sendo êles mais aptos na arte e superiores em físico, levavam de vencida a todos os que lhes opunham e que, embora impelidos pela coragem do desespêro, estavam muito pouco habituados à violência para sobreviverem por muito tempo. Em certo momento, o desfecho parecia incerto, e, notando-o, o capitão gritou a Giovanni e Tobias que fôssem ajudar. Não ficara bem claro se se referia a ambos, ou apenas a Giovanni. Giovanni deu alguns passos em direção à escada que ainda pendia do navio encalhado, depois parou, lançando um relutante e silencioso olhar a Tobias, que não se movera e continuava de olhos fitos no mar,

não traindo o seu rosto duro e tenso nada do tumulto que lhe ia no espírito.

Foi o capitão do navio de peregrinos que deu mais trabalho. A despeito da idade, era incomparàvelmente o mais forte adversário, e afeito ao exercício de sua fôrça sob quaisquer formas, quando se apresentava a necessidade. Na verdade, ninguém levou a melhor sôbre êle senão quando todos os mais jaziam mortos ou severamente feridos e esvaindo-se em sangue no convés; e resistiu violentamente até o extremo final. — Oh hiena! — rugiu, espumando de raiva, para o capitão, enquanto lhe atirava um golpe, que no entanto só o feriu levemente, pois Ferrante jogara-se entre ambos. Finalmente, lograram atá-lo com uma corda, e com isso o combate chegou ao fim.

O capitão ordenou que Ferrante e o gigante descessem ao porão a fim de examinarem a carga e verem quais as mercadorias mais valiosas e mais fáceis de transferir para o seu próprio navio. Em seguida, chamou o enfezado Giusto, que se aproximou tìmidamente, temendo o pior. Ferrante quis ficar para acabar com o prisioneiro, mas o capitão, com um gesto despediu a êle e ao gigante. — Nós trataremos disto — declarou.

A sua vítima, amarrada, estava incapaz de mexer-se. E agora nada dizia, limitando-se a fitar no inimigo vitorioso um olhar de desprêzo. Era êste desprêzo que tão profundamente enfurecia ao ca-

pitão dos piratas, o qual não sem razão suspeitava que o outro o considerasse um comandante de categoria absolutamente inferior. O ódio fuzilava em seus olhos de réptil, e com êle o desejo de vingar-se dêste velho valoroso, que se imaginava superior por comandar um barco pretensamente respeitável, carregado de comerciantes e mercadorias que eram compradas e vendidas de um modo pretensamente respeitável. Ansiava por desafrontar-se de tôda esta honestidade e dêste homem de cabelos grisalhos e cândidos olhos de marujo, os quais, naquele momento, não eram nem calmos nem cândidos, mas tinham uma expressão tão feroz como a de uma bêsta.

— Chamaste-me de hiena? — perguntou o pirata, escandindo as palavras. — Foi o que tu disseste?

O capitão prisioneiro não deu resposta, evidentemente decidido a não travar conversa com o seu desprezado executor.

— Pois eu te mostrarei como uma hiena trata a prêsa. Ela mesma não a mata, como talvez saibas. Não se digna a isso, ou talvez isso não a divirta. Ela delega o serviço.

"Vem cá!" disse a Giusto. "Mais perto! Estás com mêdo, infeliz? Não vês que o homem está amarrado, de pés e mãos? Absolutamente nada tens que temer.

"Êste covarde pedaço de gente é que se encarre-

gará de ti. Poderá não ter muito jeito, mas acabará chegando ao fim.

"Agora vamos, Giusto: mostra que és homem! Pára de tremer, seu anão! Começa!"

O rosto de Giusto estava branco. Tremia a bom tremer e a faca longa e estreita, que lembrava a de Ferrante, parecia demasiado grande em sua mão pequenina. A ponta estremecia incessantemente.

— Vamos! Apunhala, estou te mandando!

Giusto se inclinou para a vítima e desferiu vários golpes, mas êstes mal pareciam furar-lhe a roupa.

— Oh miserável infeliz, não sabes fazer isso? Fere na garganta, então! Na garganta!

Giusto obedeceu; mas quando jorrou o sangue, seu rosto se foi esverdinhando, e êle começou a suar frio. Não suportava a vista de sangue. E o capitão, que bem o sabia, encontrava um prazer especial em forçá-lo. A sua voz vibrava dando ordens, friamente, por cima do homenzinho, que se encolhia de mêdo sôbre a sua vítima, e era decididamente o mais aterrorizado dos dois. Durante todo êste tempo, o velho não deixou escapar um único som, e êste domínio de si mesmo parecia exasperar ainda mais o pirata.

— Degola! Degola! — gritava êste, a voz rouca, completamente fora de si.

Giusto não tinha coragem de cumprir a ordem, mas, entrecerrando os olhos, desferiu golpe em ci-

ma de golpe no pescoço do homem com a sua comprida faca, até que finalmente, apesar da inépcia, completou a missão, dando cabo da vida do homem. Nesse ponto, a vítima estava encharcada de sangue; e, dobrado sôbre ela, Giusto vomitava, com o rosto mortalmente branco e a testa úmida de suor.

Satisfeito, enfim, o capitão se pôs a rir, olhando para êle e para o morto.

Assim afrontava, simultâneamente, o pobre velho de rosto honesto e o aterrorizado camundongo que o chacinara.

Agora Ferrante apareceu na escotilha, seguido pelo gigante; traziam dois grandes fardos; o do gigante era enorme, pois preferia as cargas de fato grandes. Ignoravam o que continham os fardos, o que fêz o capitão praguejar. Em seguida mandou êle que Giusto descesse para ver o que havia de valor real, e que mais lhes servisse. Nestas questões, confiava principalmente no homenzinho, a quem, em tudo o mais, desprezava profundamente.

Mas, em primeiro lugar, queria revistar os bolsos dos mercadores, a fim de descobrir o que continham, e Giusto — aliviadíssimo, muito grato e ansioso por tornar à sua função regular — imediatamente se entregou a isso. Destra e ràpidamente, deu busca tanto nos vivos como nos mortos, e recolheu grande soma em dinheiro, de que o capitão logo se apossou. Os que ainda estavam vivos gemiam

lamentosamente quando Giusto os tocava e despojava de seus bens terrenos; mas não opunham maior resistência.

Depois disso, acompanhou Ferrante e o gigante ao porão, a fim de continuarem a pilhagem.

A baldeação da carga tomou algum tempo e muitas viagens entre o navio saqueado e o pirata, embora Giusto providenciasse para que apenas os objetos melhores e menos volumosos fôssem transferidos. Descobriu grande quantidade de coisas que valia a pena roubar, e repetidamente subiu ao convés, deliciado, a fim de informar seus achados ao capitão. Sempre o encantava uma boa prêsa, embora jamais lhe fôsse permitido guardar para si qualquer parte dela, nem recebesse tanto como uma palavra de agradecimento. De certo modo, era uma pessoa muito desinteressada, e por isso feliz. Agora estava especialmente contente por haverem capturado tão rica prêsa.

Seria um homem quase bom? Mas tais perguntas sempre são de difícil resposta.

Por fim, o gigante carregou algumas pipas de vinho e barris de várias espécies, dos quais o capitão — com alguma relutância — lhes permitiu lançassem mão.

Em seguida, aprestaram-se para partir.

Ouviam-se ainda os gemidos e os gritos de dor dos comerciantes que continuavam vivos. Tobias dirigiu-se ao capitão e exortou-o a que os levasse con-

sigo, mas o capitão o encarou com escárnio, sem se dignar responder. Limitou-se a encolher os ombros, voltando-lhe as costas. Ferrante, que estava próximo, deu uma risada sarcástica e sêca, cravando em Tobias um olhar feroz.

Em seguida, fizeram-se de vela.

O sol ia-se pondo. O mar, quase calmo, tremulava em muitas côres: tons confusos, fugidios, de indescritível beleza como se alguém houvesse disseminado flôres de tôdas as espécies pela sua ilimitada superfície, para que ali se balouçassem até lentamente desmaiarem, esvaecendo-se numa morte de inefável bem-aventurança, melancolia e graça.

De pé, isolado, Tobias contemplava o mar.

Tinham razão de estar contentes de si e da prêsa. Até o capitão parecia satisfeito. Não podia negar que bem mereciam um copo, e permitiu que abrissem uma pipa e se sentassem no convés para comerem e beberem. Tinham feito jus a uma boa, substancial refeição, e sem dúvida precisavam dela; e alimentos havia-os a fartar — alimentos muito superiores àqueles a que estavam habituados. Ferrante e o gigante lançaram-se a êles com um apetite voraz; o gigante, especialmente, devorava grandes quantidades, jogando-as na bocarra e regando-as com torrentes de vinho. Parecia comer e beber com todo o corpo; observando-o, compreendia-se de onde pro-

vinham os seus enormes músculos e a sua fôrça, como se transformara no que era, como assim permanecia. Era como assistir, por assim dizer, ao ato de seu nascimento e à continuação de sua existência. Mas, provàvelmente, não seria com freqüência que tinha a oportunidade de saciar-se desta maneira.

Ferrante assemelhava-se mais a uma pessoa comum, quando comia; tinha uma ganância natural depois de labôres tão variados. Comia com um ar tôrvo — raivosamente, como tudo o que fazia. Ambos bebêram grandes quantidades de vinho, o que em breve produziu efeito em Ferrante. O gigante, porém, era dos que nunca se embriagam, por mais que bebam. Agora, fêz o possível; mas falhou; e olhava com inveja para os outros, à medida que iam ficando tontos. Já se lhe tornara evidente que, como de costume, êle o único que estava no seu perfeito juízo, seria encarregado do leme, aquela noite.

Giusto comia muito pouco e levava apenas diminutas porções à bôca pequena e desbotada; no entanto, parecia deliciar-se mais ainda com o pouco que comia. Regalava-se, radiante, totalmente contente consigo mesmo e com o mundo. Bebeu também, para ser como os outros e para convencer Ferrante, a quem admirava grandemente, de que estava bebendo tanto como o próprio Ferrante. Na realidade, entretanto, tinha a cabeça tão fraca que a bebida o venceu quase imediatamente, e de um modo ridículo: a sua careta de rato era inapropriada

para aquêle aspecto afogueado e aturdido. Ria sem cessar, um riso idiota, matracolejante, feito uma galinha, o pomo-de-adão balançando-se no pescoço fino, descarnado; e seus olhos de conta irradiavam uma beatitude alvar, embora de fato fôsse o mais astuto de todos êstes homens.

O capitão também estava sentado junto dêles, mas como se não pertencesse ao meio. Não participava da conversa, não dizia palavra. Comia, contudo, e sobretudo bebia muito; acabaria ficando bêbedo até a saturação. Entretanto, nada traía o seu estado, não sofria qualquer mudança aparente. Seus frios olhos de réptil pareciam incapazes de acender-se; e observava os outros homens e seu comportamento desatinado com o seu permanente olhar glacial e desdenhoso. Quando diziam algo mais néscio do que comumente, ria com escárnio daquilo que divertia aos demais. Assim, pouca alegria tirava dêles ou de suas próprias libações. Embriagava-se na solidão e sem alegria, de tal sorte que se poderia perguntar por que, afinal, se embriagava. Mas também se poderia perguntar por que fazia tudo o mais com a mesma atitude taciturna; e por que as pessoas em geral fazem coisas em que sem dúvida alguma não encontram qualquer prazer. Ou, quem sabe, encontram?

Caía a noite; haviam pendurado uma lanterna numa peça da mastreação a fim de continuarem, na penumbra, o festim. Era uma noite quente; o ven-

to cessara de todo e estavam no mesmo ponto onde haviam parado. Com o correr das horas, todos, menos o gigante, tinham ficado tão bêbedos que o humor do grupo se alterou um pouco. Conforme se poderia imaginar, Ferrante não era de bom beber, e depois de encarar, carrancudo, a uns e outros, pôs-se a escarnecer do capitão. Crivou-o de chacotas e malignas indiretas, insinuações e perguntas sôbre qual fôra mesmo o valor da prêsa, quanto embolsara desta vez só em moeda sonante, quanto dêsse dinheiro ia repartir com êles.

Precisava de grande quantidade de bebida para animar-se a falar assim, pois êle também temia o capitão — aquêle homem que tinha tão singular poder de inspirar temor. Noutras ocasiões, ambos conviviam mais do que quaisquer outros, se de alguém a bordo se pudesse dizer que convivia com o capitão. Tinham uma espécie de respeito mútuo, e Ferrante era o único a quem o capitão não desprezava de todo. Mas êste assunto era perigoso, e a sua escolha, por parte de Ferrante, depois de beber demasiado, não ocorria pela primeira vez!

Giusto escutava, todo constrangido. Não se arriscava a erguer os olhos. Naturalmente, Ferrante estava com a razão; homens como êle e o gigante valiam qualquer soma de dinheiro, e o capitão sem dúvida se excedia no que tomava para si. Mas era uma pena que tivessem começado a falar em tais coisas; que vantagem havia nisso? De sua parte,

não reclamava nada, nem os outros esperavam que o fizesse; nenhum dêles considerava Giusto como verdadeiro membro da tripulação. Nada desejava; satisfazia-se com cama e mesa, por assim dizer, e em ser até certo ponto um dêles. Giovanni, também, pouco se preocupava com pagamento ou com um quinhão dos lucros, enquanto tivesse o suficiente para fazer de si uma bêsta em cada pôrto; e, na verdade, não tinha préstimo em um apuro, embora fôsse hábil na faina, naturalmente, pois era forte e destro. E êsse nôvo camarada — quem era êle? E, a propósito, onde andavam os dois agora? Não estavam bebendo com os outros. Ou talvez estivessem, embora não os visse; não estava percebendo muita coisa, neste ponto, sabia-o, e o que apanhava era confuso, tão bêbedo estava.

Viu então Ferrante pôr-se de pé, têso, alto e musculoso, oscilando um pouco como se tangido pelo vento, e viu com horror que sacudia o punho para o capitão. Em que daria isto? Mal ousava olhar a cena.

O capitão também se levantou, pondo-se face a face de Ferrante, fitando nêle um gélido e zombeteiro olhar de desprêzo, nêle e em todos os outros homens, sem exceção. Ferrante deteve-se no meio de um ríspido motejo, intimidado por êsse olhar desnaturadamente frio — como uma fera exasperada se intimida no próprio instante em que ruge contra o domador — pôsto que fôsse com grande

vantagem o mais forte dos dois, e seus olhos estivessem congestionados de fúria. O punho cerrado pendeu e o homem alto, desengonçado, ficou de bôca aberta, de tal sorte que se podia ver o vazio do lado esquerdo de sua arcada inferior, onde faltavam três dentes. Com alguns vagos arrancos do corpo longo, esgueirou-se na escuridão.

O banquete terminou. Giusto também aproveitou a oportunidade para safar-se, dando graças por não ter havido luta e porque poderia curar o seu pequeno pileque com um sono tranqüilo. O gigante seguiu-o ruidosamente escotilha abaixo, visto como ninguém lhe dera qualquer ordem e o ar estava tão parado que não faria diferença que alguém estivesse ou não ao leme. Finalmente, também o capitão desceu para cozinhar no sono a sua desolada bebedeira.

O convés ficou quieto, vazio e êrmo; ou assim parecia.

De repente, Giovanni, que estava no leme e ali permanecera durante todo o tempo, entreviu uma figura esguia avançando furtivamente pela meia-nau, a bombordo, no rumo de onde Tobias provàvelmente estava dormindo. Ouviu um grito meio sufocado, deixou a cana do leme e acudiu.

Chegou a tempo de ver as mãos longas e peludas de Ferrante apertando a garganta de Tobias, como duas pontudas garras; mais um instante e teria chegado tarde. Arremessando-se para diante, puxou

o louco, segurando-o pelos ombros, e o jogou no chão.

Uma faca comprida e fina luziu na mão do homem prostrado; Giovanni abaixou-se, arrancou-lha e lançou-a no mar.

Que é que o levara a assim fazer? Agira pensadamente ou sob um impulso?

A faca estava tinta de sangue, mas, nas profundezas, ficaria limpa. Como tudo havia de ficar limpo, finalmente.

Sem dúvida era lá, naquelas profundezas, que Ferrante pretendera atirar a sua vítima depois do assassínio, para assim apagar todo vestígio. Isto é, se pudesse pensar tanto, no seu presente estado de fúria. Após a humilhante derrota diante do capitão, a sua raiva buscara outra saída e voltara-se contra êste intruso, a quem já detestava como detestara Giovanni antes dêle. Deviam ter a bordo outro inútil, que nada fazia para ganhar o sustento? Não bastava levarem aquêle que diziam ter sido um padreco? Neste sujeito, também, êle queria deixar a sua marca, mostrar-lhe que não era desejado aqui. Ter-lhe-ia sido igualmente fácil.

Mas, agora, êle próprio ali estava prostrado, batido, e aquêle idoso homem de deus mostrara ser o mais forte dos dois; vencera-o e o desarmara.

— Levanta-te e some!

Isto dizendo, Giovanni deu-lhe um rude pontapé.

— Já lá pra baixo!

Ferrante se levantou e, cambaleando, afastou-se e desceu para juntar-se com os outros.

Tobias e Giovanni ficaram lado a lado na obscuridade, que não era densa, pois o céu estava estrelado.

Haviam-se evitado um ao outro, e tinham encontrado tôdas as oportunidades para assim proceder; mas agora aqui estavam juntos. E um salvara a vida do outro.

Muita coisa acontecera desde o amanhecer, desde aquela conversa vital — quando Giovanni dissera tantas coisas a respeito do mar. O mar santo — onde a faca de Ferrante ia agora afundando cada vez mais, deixando seu sangue naquele abraço com as sombras, purificando-se.

Entregar-se ao mar — o grande mar sem fim, que é indiferente a tôdas as coisas, que dilui tôdas as coisas; que em sua indiferença perdoa tôdas as coisas.

Primitivo, irresponsável, inumano. O mar que liberta o homem por meio de sua inumanidade, que o torna irresponsável e livre — desde que o homem simplesmente o escolha e se lhe entregue.

Quanto tempo, quanto tempo se passara sôbre essa conversa que haviam tido! Quanto tempo parecia ter decorrido desde que Giovanni articulara aquelas palavras estranhas que lhe soaram como uma revelação e pareciam ter-lhe devassado todo um mundo nôvo! Quanto tempo havia...

Agora, enquanto a faca ia afundando, Tobias perguntou-lhe como pudera ter escolhido esta vida — como chegara um dia a escolhê-la. E como podia suportá-la.

Giovanni não respondeu logo. Em vez disso, afastou-se devagar para a pôpa e sacudiu a cana do leme. O outro homem seguiu-o. Na realidade, não havia necessidade de tentear o leme, pois não ventava e mal se podia registrar o avanço do navio. No entanto, fêz o que era usual.

E, depois de fazê-lo, estendeu-se no convés, com as manápulas debaixo da cabeça, e contemplou o céu noturno com tôdas as suas refulgentes estrêlas. Estar-se-ia preparando para dormir?

Durante um momento, Tobias ficou de pé ao seu lado; depois também se deitou. Ali permaneceram lado a lado, dentro da noite quente.

Era uma calmaria total e a embarcação deslizava imperceptìvelmente para diante, ou, quem sabe, absolutamente não se movia. Não importava; ela não tinha destino. Simplesmente repousava sôbre o mar, o mar infinito.

Depois, Giovanni pôs-se a contar uma história sôbre a qual ninguém jamais o ouvira falar.

Criei-me num lar muito religioso. Minha mãe era viúva e eu, seu único filho. Meu pai morreu antes que eu nascesse e fui educado por essa mulher solitária, que já não era môça e que, após a morte de meu pai, talvez se haja voltado ainda mais completamente para deus, em busca de consôlo e apoio.

Desde o comêço mesmo, quando me deu à luz em sua solidão, decidiu que a minha vida seria dedicada a deus. À igreja e a deus. *Ela* resolveu isto. Na ocasião, dificilmente eu poderia ter sido consultado e, mais tarde, tampouco foi pedida a minha opinião a respeito de uma questão de tal importância para mim. Mas ela agiu em função do seu profundo amor por mim e do interêsse na salvação de minha alma e do meu eterno bem, em que já então pensava.

Era eu a sua única posse e ela entregou-me — a deus. Confiou-me aos braços mais garantidos, mais seguros que conhecia: ao seu senhor e salvador. E para chamar a sua atenção sôbre mim e ligar-me verdadeiramente a êle, deu-me o nome de Giovanni, segundo o discípulo que êle preferia.

Repetidamente me explicou isto, incutindo em mim que eu levava um nome santo, e a razão disso.

Reconheço que aí eu nada via de extraordinário, e que era inteiramente da opinião dela. Era a deus e a ninguém mais que devia consagrar a minha vida. Estava cheio da mesma piedade dela — do mesmo amor a êle e àquele seu filho que sofreu e que, pregado na cruz, eu via pendurado em tôdas as peças da nossa casa. Durante a infância e a juventude, o meu espírito viveu totalmente desviado dêste mundo e atento às coisas sagradas — àquele mundo onde o sacerdote vivia a sua vida serena e tranqüila.

Tenho de reconhecer, também, que para mim foi uma quadra feliz — que a minha infância e adolescência foram de fato felizes — quando agora penso na minha vida posterior e na existência humana em geral. Cercava-me uma grande paz, e dentro de mim mesmo sempre havia paz. Tinha segurança e certeza completa a respeito de tudo, e estava perfeitamente satisfeito com o meu mundo, com o amoroso abraço em que minha mãe me colocara, e com o meu descanso em deus.

E não achava que aquêle mundo fôsse fechado e estreito; se alguém tivesse sugerido tal coisa, eu teria ficado surprêso. Pelo contrário, para mim êsse mundo parecia rico e vasto — de fato, infinito. A idéia do pai celestial e de seu filho nascido aqui na terra, de seu reino brilhante, e do corpo que se esvaiu em sangue no Gólgota, parecia descortinar um universo ilimitado diante dos meus olhos extá-

ticos. Ardente era a minha fé, e esta fé alargava o meu mundo para muito além das suas fronteiras terrestres.

Dêsse modo, para mim, a nossa casinha estreita e sufocante, onde um môço comum não poderia ter respirado e de cujas paredes, em cada quarto, pendia um homem macilento, agonizando por nossa causa — essa casinha estava cheia de significação, era parte da maior totalidade possível, e nela, sem nenhum sentimento de limitação, eu podia crescer e reservar-me para a minha vocação.

A cidade onde morava não era grande; contudo, tinha vasta fama por suas muitas igrejas; a catedral era especialmente celebrada por sua beleza e relíquias sagradas. Havia relíquias, igualmente, nalgumas das outras igrejas, e o lugar era um ponto de romaria aonde muita gente vinha orar e procurar os consolos da religião.

Havia também um seminário, para onde oportunamente entrei, depois de receber instrução dos padres da escola do convento. Fui entregue à responsabilidade do seminário e recebido no seio da igreja; e isto não era mais que a continuação do meu lar e da minha vida anterior. Fui um aluno muito dócil e interessado, ávido por ouvir e aprender dos mestres tudo o que tão plenamente preocupava o meu espírito juvenil. Sempre dedicado aos estudos, dava-lhes uma satisfação total; minha mãe ouviu dêles muitos elogios a mim e, durante a parte fi-

nal dos meus estudos, as esperanças que abrigavam e reiteradamente exprimiam com relação à minha pessoa e ao meu futuro.

Finalmente, veio o grande dia — sem dúvida o maior da vida de minha mãe — quando fui ordenado sacerdote.

Para mim, também, era um dia grande, extraordinário; comovi-me profundamente ao ver-me diante do semblante de deus como seu servo, cheio do ardente desejo de servi-lo com verdade, por amor de minha vocação.

Logo depois, fui nomeado capelão de uma das igrejas da cidade — uma das menores, certamente, mas a mais velha e de fato a mais bela de tôdas. Com seu teto antigo, abobadado, apenas entrevisto à tênue claridade filtrada pelos arcaicos vitrais com as vidas dos santos, estava cheia do espírito de santidade, de sombras e luz, da complexidade do sacerdote e de seu poder enigmático, misterioso.

Lembro-me dela perfeitamente. Mas lembro-me também do seu incenso — aquêle aroma doce e enjoativo que impregnava contìnuamente o venerabilíssimo templo.

Na época, naturalmente, nunca notei êsse cheiro habitual. Amava muito a velha igreja e sentia-me feliz por ter sido indicado para trabalhar entre suas paredes.

Devia estar servindo lá por alguns meses quando aquilo aconteceu.

Um dia, fui chamado para ouvir confissão, e soube que se tratava de uma mulher. Normalmente, outro padre, alguns anos mais velho do que eu, a teria ouvido, mas, como adoecera sùbitamente, pediu-me que o substituísse.

Anoitecia, e como fôra avisado com atraso, cheguei um pouco depois da hora marcada. Estava então quase escuro dentro da igreja; apenas um dos altares tinha velas acesas diante da imagem da madona. Não havia ninguém exceto a mulher, que imediatamente localizei perto do confessionário. Cumprimentei-a maquinalmente, sem formar uma impressão mais definida, a não ser que tinha o rosto velado. Nisso nada havia de estranho ou de especialmente fora do comum. Passamos imediatamente à confissão.

Ainda nunca tinha confessado ninguém, de sorte que estava um tanto curioso por ver como seria — como me comportaria e que diria à pessoa que procurava orientação e penitência junto de mim, tão jovem ainda. Naturalmente que eu próprio me confessava com regularidade e freqüência ao nosso confessor de família, de modo que por êsse lado me encontrava em terreno conhecido. Devo, contudo, reconhecer que minha experiência era aflitivamente pequena, pois nunca tivera nada de importante para confessar. Os meus pecados, os meus esforços por achar algo de pêso a dizer, amiúde provocavam um sorriso no confessor.

Inclinei-me para a grade, a fim de ouvir melhor.

Ela tinha a voz baixa e quente, e desde o comêço falou com intensa emoção. Passou-se algum tempo antes que eu compreendesse de fato o que ela estava dizendo. Além disso, parecia-me que se expressava confusamente; talvez porque, a princípio, relutasse em falar com franqueza do que lhe oprimia o coração.

Depois de uns instantes, depreendi que se referia a alguém a quem amava, mas a quem não devia amar. Por qual a razão que não devia, não o pude compreender; e a própria razão de sua confissão me confundia por causa da minha extrema inexperiência. E, como já disse, não se exprimia nem com clareza nem com lisura. No entanto, repetia e tornava a repetir que seu amor era pecaminoso — uma grande transgressão que devia reconhecer diante de alguém porque não mais suportava a carga de seu torpe segrêdo.

Quando lhe perguntei francamente por que o seu amor era pecaminoso, admitiu que, conforme eu suspeitara, era casada; havia alguns anos, unira-se em matrimônio com outro homem, de sorte que seu amor era uma ofensa a deus e àquele santo sacramento, e sua falta um pecado mortal.

Para ela tornava-se terrível saber disto e ao mesmo tempo ser incapaz de refrear os seus sentimentos. Era uma tortura — o conflito e a autocensura dilaceravam-na. Profundamente religiosa, deseja-

va ser pura e digna de respeito; por isso, mais agudos eram os tormentos que esta selvagem obsessão infligia à sua consciência. Todos os seus pensamentos iam para o amado; durante todo o dia êle os absorvia, de noite jamais a abandonava embora nunca estivesse com ela; e, assim, era sem cessar que lhe consumia a imaginação em febre. Dominada por essa paixão cega, tinha, no entanto, consciência de que, se não a vencesse, ela viria a ser a sua queda, privando-lhe a alma de salvação.

Iria sacrificar a bem-aventurança e a vida eterna por uma paixão — uma emoção — aqui na terra, durante o breve e desprezível período de sua vida mortal?

Ela própria sabia a resposta — sabia qual a única coisa que tinha verdadeiro valor. A sua alma, lutando por salvação, conhecia a resposta. Mas, dentro dela, outra fôrça se debatia e protestava, recusando sacrificar-se ou submeter-se; recusando deixar-se afogar por aquela ânsia de felicidade eterna. Almejava a felicidade já, neste momento, ainda que por um instante desta fugaz vida terrena, e depois, de bom grado, arderia por tôda a eternidade nas chamas do inferno. Essa fôrça procurava arrojá-la na perdição, nada se preocupando com ela ou com o seu destino no outro mundo.

Assim, dilaceravam-na emoções em conflito, e não sabia que fazer em sua aflição. Até naquele próprio instante, enquanto procurava explicar a sua

desgraça e buscava confôrto no sagrado ato da confissão, a batalha continuava com furor dentro dela. Não podia subjugar essa paixão, não podia extinguir o fogo — fogo do inferno — nem sequer agora durante êste reconhecimento sinceríssimo de seu pecado diante de deus. As palavras de seus lábios declaravam e condenavam a sua falta; mas os lábios, êsses ardiam por ela.

Tal foi a sua confissão: a primeira confissão que eu ouvia.

Eu escutava. Só ela falava.

Sua voz sumida, nervosa, se fazia muito clara no absoluto silêncio que nos cercava, e eu não tinha maior dificuldade em captar o que me dizia: nenhuma palavra me escapava. E agora ela falava francamente, muito mais do que no comêço. Às vêzes, a sua voz descia quase a um sussurro em virtude de sua relutância em revelar-se, entretanto eu a ouvia sem esfôrço — aquela voz quente, agitada, que rogava por ajuda e socorro; cada palavra, cada suspiro chegava até meus ouvidos; e durante todo o tempo, através da grade, senti o seu hálito quente.

Sentado na sombra do exíguo confessionário, eu ouvia inclinado para diante, mãos cruzadas, assim como sem dúvida ela estava, do outro lado da grade, enquanto testemunhava o seu pecado.

Quando terminou, seguiu-se o silêncio. Agora tocava-me falar, mas não sabia que respondesse. A

minha inexperiência me deixava perplexo. Finalmente, gaguejei que bem lhe compreendia a grande angústia, os tormentos e os temores — e acrescentei frases similares que me ocorriam: palavras ôcas que de pouco lhe serviriam. Exortei-a a orar; falei do poder da prece para afastar o nosso pensamento do pecado; instei-lhe que voltasse todo o seu espírito para deus, pois êle certamente havia de receber uma alma tão ávida de salvação. Com deus, os nossos pensamentos encontravam a paz, já que êle era a verdadeira morada do espírito.

Respondeu-me que tentara por todos os meios assim fazer, mas que era como se deus estivesse ausente; só o amor e só o amado existiam.

Depois destas palavras o silêncio tornou a cair.

Então lhe disse que rezaria por ela, para que deus permitisse que as suas súplicas o alcançassem. E ficou assentado que nos uniríamos na oração pela sua alma.

Com isto, a estranha confissão chegou a têrmo e saímos do confessionário.

Durante um momento, vi o seu vulto afastando-se através da obscuridade da igreja, até a pia de água benta ao lado da porta, e depois na porta. Ali a silhuêta de sua cabeça velada projetou-se mais claramente porque, fora, havia mais luz do que onde me achava.

A caminho de casa, senti-me extremamente descontente comigo mesmo. Parecia-me, e corretamente, que fôra um péssimo confessor e sem qualquer utilidade. Como haviam de ajudá-la, na sua aflição e na sua crise, aquêles conselhos que, por mais bem-intencionados e judiciosos que fôssem, não poderiam alcançar a sua vida perturbada — o seu tumulto — nem alterar coisa alguma? Estava abandonada ao seu destino, à sua paixão cega e, para mim, incompreensível, abandonada tão completamente quando me deixou como quando viera. Eu não encontrara fôrça para libertá-la e ajudá-la; simplesmente repetira frases conhecidas, gastas, sem fogo, sem substância viva. Nada havia aí para estranhar, pois nem mesmo para mim tinham tido substância viva; em mim mesmo não havia fogo, tal como devia haver num autêntico diretor espiritual. Eu nunca fôra um verdadeiro guia e talvez jamais viesse a sê-lo.

Só nela houvera fogo; e não no homem que devia salvá-la, resgatá-la da perdição — do pecado. Sim, estava insatisfeitíssimo comigo mesmo.

Suspeitava que tudo fôsse porque era tão jovem.

Ia palmilhando as ruas escuras com grande desalento e tomado por uma perturbação íntima que jamais conhecera.

Quando já me deitara, lembrei-me da promessa de rezar por ela; rezar para que deus a livrasse do amor pecaminoso que a possuía. Procurei insu-

flar na minha oração tanto ardor como pudesse, e fazê-la tão candente e apaixonada como a oração deve ser e como a dela certamente o era: aquela que deus não ouvia...

Estranho que não fôsse ouvida, ao passo que as minhas... Contudo, era ela e não eu quem estava em dificuldade.

Para ela, deus não existia, enquanto eu falava familiarmente com êle todos os dias.

Mas esta situação terrível tinha uma causa particular — para ela só existia o seu amado. Só o amor existia.

Orei tão ardentemente como jamais o fizera, mas não tive a impressão de que minha prece fôsse ouvida, como geralmente acontecia. Será que isso acontecia? Nunca prestara muito atenção, talvez, e tinha por estabelecido que deus me ouvia.

Que sabia eu, de fato, a respeito de minhas orações? Como poderia dizer que eram ouvidas? Como abrigar tamanha certeza?

Passei um longo período refletindo e interrogando-me, e idéias que antes nunca haviam penetrado no meu cérebro agora me perturbavam.

Pela primeira vez interrogava a mim mesmo, mais do que a deus.

Mal decorrera uma semana quando recebi um recado, avisando-me que a mesma mulher desejava, novamente, confessar-se. Desta vez também pedia o

sacerdote mais velho, mas êste continuava doente e encarregou-me de substituí-lo.

Surpreendentemente o aviso me alvoroçou, pôsto que em si nada tivesse de mais.

Por que isso? Eu não compreendia.

Durante êsse dia — durante o tempo de espera até a hora da confissão — permaneci no mesmo e curioso estado de excitação.

Ainda desta vez, só veio ao anoitecer, evidentemente para evitar que a observassem; e de nôvo trazia véu no rosto. Sem dúvida era muito conhecida na cidade, embora não o fôsse de mim; em virtude de minha vida isolada conhecia pouca gente ali. Devia pertencer a alguma família respeitada. Pelo menos, não era uma mulher do povo: podia-se ver pelo traje, de uma simplicidade distinta, só encontrada entre as classes superiores da sociedade, e não com freqüência.

Certamente, estava preocupadíssima em não ser reconhecida, e sem dúvida era por isso que escolhera esta igrejinha pouco freqüentada, e que talvez também a tivesse atraído em virtude de sua antigüidade, beleza e atmosfera, e porque parecia um lugar apropriado para uma mulher de seu temperamento confessar-se.

Uma vez mais, na penumbra, entramos no confessionário.

Começou agradecendo-me por ter-lhe permitido que voltasse. A confissão ajudara-a; achara alívio em desabafar, em não carregar sòzinha o pêso de sua aflição. Sentia também que, apesar de tudo, não estava completamente fora do alcance do consôlo da religião.

Eu continha a respiração enquanto a escutava, com mêdo de perder uma palavra que fôsse. Como antes, ela falava com muita suavidade, e eu tinha de me inclinar até a grade a fim de lhe ouvir a voz doce e quente expressando a sua humilde gratidão, que eu de nenhum modo merecia. Se experimentara algum alívio, algum confôrto, fôra deus que o permitira, que lho concedera, e não o seu indigno servo — o confessor mais indigno e impróprio que ela poderia ter descoberto. Se êle tivesse ouvido a oração de alguém, teria sido a dela — aquela oração sincera de um coração angustiado — não a minha tíbia súplica, sem paixão nem ardor, e totalmente privada do poder de um verdadeiro e experimentado pastor de almas para guiar e distribuir amparo pelo caminho de deus.

Êstes pensamentos, porém, eu os guardava comigo mesmo, naturalmente. Permanecia calado, esperando que ela dissesse mais.

Continuou, declarando que, entretanto, não sofrera nenhuma modificação, qualquer que fôsse; estava ainda cheia dêste amor proibido e sem esperança, e que no entanto a dominava, conservan-

do o destino dela em sua mão. O desafôgo que experimentara não exercia qualquer efeito nesse amor e jamais o exerceria. Porque, em verdade, não queria livrar-se daqueles sentimentos maus, ser resgatada da consumidora e perdida paixão que a possuía, e pela qual desejava ser possuída. Assim era. Essa, a verdade; e devia reconhecê-la francamente. Não *queria* libertar-se! E como se há de salvar alguém que não quer ser salvo?

Contudo, fôra um alívio desabafar, abrir o coração oprimido e atormentado, e cândidamente revelar a sua aflição.

Notei que mais de uma vez descrevia o seu amor como sem esperança; repetiu-o pelo menos duas vêzes.

Por que, a mim mesmo perguntei, era sem esperança? Não seria, acaso, correspondido? Não participaria de seus sentimentos o objeto dêle? Não se haveria, portanto, consumado, e... Custava-me pensar no aspecto puramente físico, e teria preferido não o fazer; no entanto, ao mesmo tempo, notei, alarmado, que isso rondava o meu pensamento e me interessava grandemente, e que desejava ouvir mais a respeito da questão.

Cautelosa, tìmidamente, aventurei-me neste assunto delicado, a fim de alcançar um conhecimento mais claro. Não sabia como expressar-me, e sobretudo temia manifestar-me com demasiada evidência.

Respondeu-me vaga e evasivamente, parecendo

relutar em falar nisso. Furtou-se dêsse tema, passando a outro, sem uma resposta direta ou definida.

Ambos nos mostrávamos imprecisos no que dizíamos — em nossa fuga às palavras decisivas — e não cheguei a uma compreensão clara, a uma certeza.

Durante todo o tempo, feriu-me a impressão de que a sua paixão não era correspondida e, em função disso, talvez fôsse mais ardente ainda; que o seu amor, que ela tachava de ilegítimo e de pecado mortal, era um amor infeliz — um amor que não encontrava retribuição, assim como suas ardentes orações não encontravam eco.

Isso me comovia fundamente e enchia-me de compaixão — e ao mesmo tempo de um ardor que me apanhava de surprêsa e me envergonhava. Tão complicados eram os meus sentimentos que logo abandonei o assunto, aparentemente tão perturbador para mim como para ela. Gaguejei algumas palavras que não tinham nexo com o que estivera dizendo, a fim de melhor sair da questão que lhe devia ser penosa e em que eu lamentava ter tocado. Em seguida, calei-me.

Curioso, reparei o seu próprio comportamento durante o embaraçador silêncio que se seguiu à nossa conversa sôbre o seu amor mal correspondido e sem esperança, a solidão em que nutria a êsse amor e aos pensamentos que tão custosamente revelara.

Quebrou o silêncio com uma sofreguidão comovente, de um modo que nos desoprimiu. Leve e airosa como um pássaro, escapou dos atormentadores pensamentos que lhe haviam sido impostos — e foi-se para o seu amado, a falar nêle e descrevê-lo: aquelas feições juvenis e puras que sempre tinha diante de si, e a fresca limpidez de sua alma, tão diferente das outras! Falou de sua permanente consciência da presença dêle, embora raro pudessem encontrar-se; da viva sensibilidade que o movia junto dela — era demasiado animado, demasiado instante — de como o seu abraço lhe sangrava o coração e de quanto a fazia sofrer embora ela tudo suportasse com alegria porque o amava — porque se amavam. E contou que sempre levava o retrato dêle no peito em um medalhão, junto de seu inquieto coração, a fim de tê-lo sempre consigo; que o beijava tôda vez que se via sòzinha e na solidão da noite, no escuro. A escuridão não importava, pois tão bem conhecia o retrato que não necessitava olhá-lo. Amiúde, quase habitualmente mesmo, nem abria o medalhão, beijava-o em vez de beijar o retrato, de olhos cerrados, lábios nos lábios. Exatamente como dois amantes se beijam de olhos fechados, porque não precisam ver-se e porque nada deve perturbar a sua experiência de amor — de unidade. Não era isso?

— Sim, sim — murmurei. — Exatamente.

Através da grade sentia-lhe o hálito... o meu tam-

bém estava quente, ofegava. O sôpro de nossas respirações encontrava-se através da grade... e me parecia captar o cheiro de sua bôca, a bôca que nunca vira e nunca veria — parecia-me estar vendo-a por causa daquela fragrância...

De repente, interrompeu-se e desfez-se em lágrimas.

Os seus soluços cortavam-me o coração, e estava a ponto de fazer tudo, qualquer coisa que pudesse, para confortá-la, quando a ouvi deixar precipitadamente o confessionário e atravessando, rápida, as velhas lápides tumulares do pavimento da igreja, sair para o crepúsculo. Vi-a desaparecer e fiquei imóvel, sòzinho.

Sabia agora o que se passara comigo: apossara-se de mim a paixão de que tanto ela falara. Todos os meus pensamentos centralizavam-se nela — nela tão-sòmente; dias a fio sua lembrança assediou-me, quer durante o serviço quer quando lia as horas canônicas — não importava o que estivesse fazendo. De noite, privava-me do sono, pois ela jamais me deixava, mas vivia contìnuamente na minha imaginação inflamada. Era como se estivesse possesso dela, perdidamente entregue ao seu po-

der: uma mulher que eu nunca vira, de quem quase nada sabia e de cuja identidade não tinha idéia. Tudo o que sabia era que amava outro homem e que êsse ardente amor não tinha retribuição; era sem recompensa; e que eu, em minha obsessão pela sua mágoa, vivia cheio de algo parecido com alegria.

Com espanto — quase alarme — percebi quanto a minha paixão ia-me mudando. Já nada mais me importava, nada do que até então constituíra a minha vida. Apenas ela e o amor existiam. Meu antigo eu, aquêle jovem pálido, alquebrado, da casa de minha mãe — das salas de onde pendia a imagem do crucificado — era um estranho para mim. O lar onde me criara e em que a minha alma fôra dedicada a deus, tornou-se uma prisão na qual, desde que minha bôca murmurara aquelas grandes palavras de amor — Sim, sim; exatamente — eu mal podia respirar. Depois daquelas palavras, como poderia suportar a casa do crucificado?

Já não sabia rezar. E que bem adviria daí? As minhas orações nunca teriam alcançado o seu destino, nunca teriam sido aceitas. De tal modo ofendera a deus que êle não me ouviria nem nada mais tinha a fazer comigo. A minha paixão era verdadeiramente criminosa, pois me deixara avassalar por ela durante a confissão, a sagrada confissão, e com uma penitente que apelara para mim em confiança, buscando por meu intermédio a orientação e o apoio de deus, e sua libertação do pecado. Sim, a

minha ofensa a deus era tal que êle devia rejeitar-me.

Às vêzes, de noite, quando não podia dormir por causa de meus pensamentos em fogo, tentava orar; tentava voltar o meu espírito a deus e suplicar-lhe que tivesse compaixão de mim, que me devolvesse a paz de espírito e me deixasse descansar nêle, em seus braços, como antes.

Entretanto, sabia que no íntimo não queria essa paz de espírito — não queria aquilo por que estava rezando. Como pois havia êle de atender à minha oração?

Não aspirava a descansar novamente na segurança dos braços de deus, sob a sua luz e a sua paz. Queria arder no fogo do amor.

Assim era; eis o que se passara comigo. Transformara-me, totalmente, noutra pessoa, porque o amor se havia assenhoreado de mim.

Acreditara ter amado minha mãe; tinha-o por estabelecido, embora de fato jamais houvesse dedicado um só pensamento à questão. Acreditara — e com uma convicção ainda maior — que amava a deus, embora também não tivesse refletido nisso.

Agora, sabia que jamais havia amado.

Mas, algum dia, tornaria a encontrá-la, ou a ouvir-lhe a voz? Acaso ela voltaria, alguma vez? Por que iria voltar? Não havia razão para suas visitas

e sua confissão: eu fôra de todo incapaz de ajudá-la; e, da última vez, ela até chorara. Quando pensava nisso, perturbava-me de tal forma que as lágrimas saltavam dos meus olhos.

A idéia de que provàvelmente nunca tornaria a vê-la, desvairava-me. Como poderia sobreviver a isso?

E, a não ser que voltasse, não poderia encontrá-la, pois se não tinha qualquer idéia de quem era não poderia procurá-la, e se nos cruzássemos na rua nem sequer suspeitaria fôsse ela.

Ignorando-o completamente, ela dominava o meu destino.

Eu compreendia que, se ela voltasse, o faria para falar de seu amado, e assim desoprimir o coração — o seu torturado, opresso coração. Nisto punha a minha esperança: que seu coração se sentisse sufocado, cheio de dor e aflição.

Não me interessava a razão de sua vinda: apenas reencontrá-la e tornar a ouvir-lhe a voz.

Ela parecia ter acreditado, durante todo o tempo, que fôra com o padre mais velho que se estivera confessando. Pois quando, afinal, fêz um terceiro pedido, foi novamente êle quem recebeu o recado. Nesta ocasião, restabelecera-se de sua doença, mas como eu, por duas vêzes, lhe tomara o lugar, achou melhor que continuasse a substituí-lo.

Meu peito estava como se fôsse estalar quando, com tôda a calma — uma calma absolutamente natural — me deu a conhecer a sua opinião.

Cheguei à hora. A igreja ainda não estava de todo no escuro; era uma claridade rarefeita, quase igual à que ali reinava durante o dia. Mas, gradativamente, as sombras se fecharam debaixo do maciço teto abobadado, e em breve a última luz vespertina varava os ensombrecidos vitrais com as cenas das vidas dos santos. Os rostos piedosos e as vestes de côres ricas desmaiaram, fundiram-se na noite, tornaram-se invisíveis.

Ela não vinha.

Eu estava inteiramente só. Não havia ninguém mais ali. Diante da imagem da madona, seis velinhas ardiam, bruxuleando numa imperceptível corrente de ar. Esta poderia provir da porta, que como de costume estava entreaberta.

Ela não vinha.

Inquieto, andava para cá e para lá sôbre as lápides gastas dos túmulos, os brasões e os nomes das pessoas havia muito falecidas, cujo desejo mais fervoroso fôra o de ali repousar. Andava, andava sem pausa.

Ela não vinha.

A minha inquietação aumentava cada vez mais.

Finalmente, ouvi passos leves, quase imperceptí-

veis, perto da porta, na escuridão. Era-me de todo impossível discerni-la, por causa da obscuridade.

Mas ela viera.

Nada ouvi e nada entendi, absolutamente nada, do que me dizia; ouvia-lhe apenas a voz — a sua voz baixa, um tanto ofegante — e sentia-lhe o hálito, a fragrância da bôca — uma bôca de mulher... Parecia-me vê-la diante de mim no escuro, tépida e macia... o movimento dos lábios, o jeito como se abriam, soprando até mim a sua fragrância... um odor feminino. Eu a sentia como a uma fragrância, como a uma mensagem de mulher, um ser completamente diferente de mim; um ser exótico, pelo qual ansiava porque era exótico, e porque era ela... Ansiava pelos seus lábios estranhos, pela fonte desta fragrância que me tolhia, privava dos sentidos — mas com um sentimento de felicidade, a felicidade de estar na presença dela e de uma vez mais lhe ouvir a voz...

Calou-se.

Não sabia o que ela dissera, nem o que eu respondera — se é que respondera. Creio que não respondi; só poderia ter escutado, anelante, através da grade. Nossos hálitos se haviam encontrado através daquela grade... sem palavras, sem terem em

mira as palavras... apenas os lábios se moviam, sussurrando entre si a sua própria linguagem — a sua secreta linguagem — mùtuamente confiantes, como lábios...

E agora ela se fôra — desvanecera-se na obscuridade, saíra para a escuridão novamente, como um pássaro fugindo da gaiola, em silêncio e segrêdo, despercebido.

Saí depressa para a noite, para a pracinha fronteira à igreja. Ouvi passos... passos que iam morrendo numa rua estreita. Precipitei-me atrás dêles.

Em certo ponto daquela rua, alcancei-a.

A obscuridade era total. Orientava-me apenas pelo ruído de seus passos; reconheci-a por meio dêles, como acontecera dentro da igreja, ouvindo-os sôbre as lousas dos túmulos: passos de uma leveza de asas.

Também eu andava de passo tão leve e macio como me era possível a fim de não chamar a sua atenção, ou talvez assustá-la e fazer-lhe crer que estava sendo seguida.

Mas quando emparelhei com ela, não pôde deixar de notar que alguém andava ao seu lado, murmurando-lhe ao ouvido ardentes palavras de amor: uma voz nas trevas, que mal podia conter sua pai-

xão, escolhendo palavras que só uma pessoa possuída de amor poderia escolher — palavras sussurradas que escondiam o seu calor na escuridão, como as brasas tentam esconder-se debaixo das cinzas, a fim de não assustarem com o seu fogo — o seu fogo escondido. Não parecia alarmada, não se perturbava por estar sendo acompanhada, de noite, pela rua estreita e deserta, por alguém que ela não podia ver nem identificar. Não apertara o passo; pelo contrário, caminhava um pouco mais devagar do que antes... sustendo a respiração... como se temesse que algo daquela situação pudesse mudar.

— Eu sabia que tu virias — murmurou, tão baixo que apenas afogava o latejar de seu coração. — Como te demoraste! Mas eu sabia que finalmente havias de vir. Amado...

Não parou, mas andava com muita lentidão — mais lentamente ainda do que um momento antes. Seguíamos juntos, docemente, lado a lado.

— Como soubeste que iria para casa por esta rua? Em geral, não o faço. Mas não queria ser vista. Fui confessar-me e confessei o meu secreto amor por ti. Como soubeste? Como pudeste adivinhar? É muito estranho. Certamente o amor te guiou, e guiou-te bem. Não te parece?

— Sim, sim — murmurei.

— Estavas esperando por mim fora da igreja? Achavas que eu viria?

— Sim...

— Compreendo. Imaginei que sabias de minhas idas até lá para a confissão; que era lá que eu confessava o meu amor por ti, e abertamente falava nêle a deus. Confessei tudo. Disse-lhe, também, que nunca serei falsa contigo, não importa como puder julgar-me. Êle sabe de tudo.

"Na última vez, pensei ter-te entrevisto no escuro, do lado de fora da igreja, quando saí; parecias parado a pequena distância. Mas tu nunca te aproximavas, nunca me seguias, e vi então que não podia tratar-se de ti.

"Mas agora *vieste;* tu vieste, enfim... Amado."

Tropeçou no calçamento desparelho; amparei-a de leve, por debaixo do braço, e ela encostou-se em mim, suavemente.

— Talvez estranhes que vá confessar-me naquela igrejinha e não na catedral, que é o nosso templo — continuou. — Mas tu compreendes, nunca poderia ter falado com franqueza a êste respeito com o Padre Bento, que é o meu confessor habitual e que sabe tudo acêrca de nossa família: demais até. Mas, com êsse confessor da igreja de Santo Tomás, que não conheço e que nada sabe de mim (que nada sabia de mim) pude falar livremente. Diante dêle, pude desnudar o meu coração e entregá-lo às mãos de deus, justamente como é. Êle me prestou um grande auxílio e sou-lhe grata pela sua paciência. Mas é demasiadamente indulgente: nenhuma vez, ainda, pronunciou uma palavra dura ou

condenatória, ou me deu qualquer penitência. Na realidade, tem-se limitado a escutar-me, permitindo-me que desafogue o coração sobrecarregado. E permitiu-me falasse de ti... E como absolutamente não o conheço, nem sequer o vi alguma vez, nem êle a mim, isso me foi possível; embora, como sabes, seja de índole reservada e pouco dada a confidências.

"Foi útil, também, que pudesse ir lá tão tarde que ninguém me visse; podia então falar mais livremente e murmurar palavras que nunca sonhei pudessem passar pelos meus lábios. Deixo-as lá na obscuridade, nas sombras do interior da igreja, como que confiando-as às trevas. A penumbra que reina debaixo daqueles velhos arcos parece, também, harmonizar-se perfeitamente ao nosso secreto amor; não te parece?"

— Sim, realmente.

De leve, apertou-me o braço: senti o contôrno de sua mão fina.

— E naturalmente hás de ter compreendido que tenho outra razão para escolher especialmente essa velha igreja para confessar o meu amor. Tantos de nossos antepassados, teus e meus, ali dormem lado a lado, como tu e eu aspiramos a fazer. Dormem o derradeiro sono, esperando pela ressurreição e pelo Juízo, como nós também um dia havemos de esperar...

"Eu temo isso. No entanto, ao mesmo tempo (não

é estranho?) ao mesmo tempo suspiro pela hora em que me erguerei e darei testemunho do meu amor, darei testemunho de ti:

" 'Êle é o meu amado e não tem culpa', direi. 'Contemplai, Senhor, a pureza de sua fronte: êle não é como nós outros. Eu sou a culpada. E, graças ao milagre que me foi permitido experimentar na terra, vou de bom grado para o castigo eterno que sei deve caber-me.' "

A rua estendia-se coleando, estreita e escura, e agora começava a subir; suave a princípio, depois mais abrupta, foi-se estreitando e empinando cada vez mais até se transformar numa simples viela. Caminhávamos colados um ao outro e sua mão descansava docemente na minha. Ela fizera o gesto.

Nenhum de nós tornou a falar; nem sequer ela, que tantas coisas dissera, enchendo-me a cabeça de surpreendentes pensamentos, enquanto a acompanhava dentro da noite.

Aqui no alto, erguiam-se as casas das famílias mais eminentes, e entre cujas magníficas paredes eu naturalmente nunca estivera. Mas não era provável que a nossa estreita ruazinha fôsse ter a alguma delas.

De repente ela parou. Nada vi, mas com mão que eu não adivinhava tão forte, empurrou uma porta baixa e maciça, abrindo-a, pois ouvi ranger de dobradiças e notei que agora estávamos numa escassa passagem, que cheirava a argamassa e umidade. Sen-

ti o contato de sua mão na minha; guiava-me ao longo do trevoso corredor e de uma escada igualmente escura e estreita. No tôpo, devia ter aberto desta vez uma porta de giro macio, pois agora o odor de argamassa e umidade desapareceu e vimonos andando sôbre um fôfo tapête, que abafava totalmente os nossos passos. Estávamos evidentemente num quarto, um quarto de mulher, pois exalava um tênue perfume que eu imaginava próprio dos compartimentos ocupados por tais sêres. De certo modo, recordou-me o cheiro de incenso, doce e um pouco enjoativo, da igreja de Santo Tomás, pôsto que ao mesmo tempo fôsse muito diferente.

Esperava que ela acendesse uma vela, mas isto não aconteceu; talvez assim quisesse esquivar-se de chamar a atenção em uma casa onde certamente haveria outras pessoas além de nós — possìvelmente muitas outras; pois embora tivéssemos entrado por uma porta pequena e sem evidência, na viela, bem podia tratar-se de uma casa grande: um dos velhos palácios da zona alta da cidade.

Em vez de fazer luz, enlaçou-me docemente; senti os seus lábios aproximando-se dos meus, esperando-os tão perto que eu percebia o seu calor na minha bôca, a leve carícia do hálito... No instante seguinte, perdemo-nos um no outro, tornamo-nos um único ser, entrelaçamo-nos em uma unidade amorosa que mergulhava cada vez mais fundo na insondável fonte do amor.

Na minha memória, essa noite está envôlta em tépida ofuscação; a nada mais recordo de um modo inteiramente igual. Não a lembro claramente, mas como algo quase irreal — lembro-a como a um todo, como algo muito fundo, como noite. Embora haja corrido tanto tempo, ainda conserva a mesma vida em mim e é como jamais tivesse experimentado qualquer outra coisa. Através da escuridão cheia de calor, ouço-a sussurrar com sua voz inesquecível, grave, doce, e um pouco trêmula:

— Nunca deixes os meus lábios... nunca sòzinha outra vez... nunca mais...

Estávamos ambos tão famintos que parecíamos insaciáveis. Passamos quase tôda a noite aplacando-nos, pois foram muitas as vêzes que voltamos à unidade.

Exaustos, afinal, adormecemos em estreito abraço, creio que ao mesmo tempo.

Entretanto, não acordamos ao mesmo tempo.

O nosso despertar foi, a muitos respeitos, tão curioso que devo descrevê-lo com algumas minúcias, talvez mesmo com vagar, se isso não aborrecer a você.

Acordei eu em primeiro lugar, com uma transbordante sensação de felicidade, que a princípio não soube explicar. Depois lembrei-me, e, à luz um tanto opressiva da manhã, filtrada pelas altas vidra-

ças, vi-a deitada ao meu lado, nua, o rosto voltado para cima e a bôca entreaberta; sua respiração era pesada, lenta, aqui e ali entremeada por um ligeiro ressonar. Eu a estava vendo pela primeira vez.

Talvez não fôsse inteiramente como a imaginara: não tão jovem, nem tão bela. Ao mesmo tempo compreendi que não formara nenhuma imagem precisa dela, por mais que a minha fantasia se tivesse entretido com ela — ou talvez por essa mesma razão. Mas absolutamente não a idealizara assim. Era bem morena, e os seus cabelos, negros, encaracolavam-se em redor do pescoço delgado. A bôca, pequena e pálida, tinha uma delicada sugestão de buço, e debaixo dos olhos cerrados havia uma sombra, resultante, talvez, dos excessos da noite. Sim, não era precisamente bela, mas tinha certa distinção no rosto um tanto comprido e demasiado magro — certo refinamento. O corpo era maravilhoso, não tão enxuto como o rosto poderia ter induzido a esperar: de linhas suaves, tirava para o arredondado sem perder a delgadeza: os seios eram pequenos, de tenra epiderme, pôsto que já lhes fôsse falhando o viço juvenil. Eu nada tinha com que o comparasse, pois jamais vira um corpo de mulher, mas estava certo de que era estupendo. O corpo de tôdas as mulheres deve ser maravilhoso, disse comigo.

A propósito, eu também não era um belo homem. Deitado ali, olhei o meu corpo anguloso e nada vi

de atrativo. Nunca o tinha visto ainda — pelo menos, devidamente — como o estava vendo agora, quando o usara para o fim a que fôra destinado, e assim, pela primeira vez, êle existia realmente.

Tampouco o meu rosto poderia ter sido qualificado de belo: macilento, cansado, tinha espinhas e um aspecto geral doentio, conseqüência das muitas horas passadas dentro de casa, sentado, lendo livros espirituais. Difícil evocar-nos como fomos há muito tempo, mas é assim que vejo o meu rosto; e, nêle, dois olhos graúdos, inflamados pelo fogo que ardia dentro do meu corpo juvenil, pálido e esgalgado.

No entanto, apesar de tôda a minha magreza, tinha uma construção robusta e posteriormente me transformei no latagão que agora você vê.

A roupa da cama onde estávamos deitados era a mais fina, delicada e macia que jamais vira, a colcha que havíamos jogado à distância, nos assomos da paixão, também fôra feita de um estôfo de valor, provàvelmente sêda encorpada. Todo o quarto, que não era grande, estava mobiliado com luxo, e diferia inteiramente de tudo o que vira até então.

Mas não me preocupei em examiná-lo minuciosamente, nem tinha tempo para isso, pois agora a mulher que estava ao meu lado acordou — talvez porque, na minha gratidão pelo seu delicioso corpo adormecido, acariciara-o de leve e ternamente.

Encarou-me com uma expressão que jamais es-

quecerei. Era de espanto, assombro e horror, tudo isso a um só tempo. E agora vi os olhos dela. Eram grandes e muito escuros, tímidos e ligeiramente velados como os olhos da corça.

O horror que havia nêles decorria sem dúvida de ter ela descoberto, à tênue luz da manhã, que não era com o seu amado que experimentara o milagre do amor, mas com um estranho. Ao seu lado estava deitado um homem a quem nunca vira, e com êle é que havia conhecido aquêle grande milagre ao qual aspirara com tamanha intensidade. Pois certamente que o conhecera, a êsse milagre e talvez a consciência disso a horrorizasse mais do que nunca. Não sei. Apenas conjeturo o que poderia estar-se passando em sua imaginação, enquanto tinha os olhos fitos nos meus — também grandes, como os dela. E isto era, talvez, tudo o que tínhamos em comum. Quem o pode saber?

A mão dela, delgada e bonita, e que durante o sono descansara graciosamente sôbre as suas partes íntimas, como a protegê-las, agora se ergueu lentamente para o medalhão que tinha entre os seios de pontas castanho-carregado, pequenos e de suave epiderme, e cuja frescura juvenil, no entanto, se perdera. Sem desfitar de mim aquêles olhos graúdos e assustados de corça, fechou a mão sôbre o escrínio.

Era fácil adivinhar o que havia por trás dêste gesto; compreendi-o perfeitamente e isso me perturbou como num delírio — e tanto, que quase me

surpreendi. Impulsivamente, estendi a mão para arrebatar o medalhão com o retrato de seu amado, do qual falara com tanta freqüência, a fim de ver qual o seu aspecto, e quem era realmente. Mas, assustada, fora de si, deteve-me e agarrou-o firmemente. Era extraordinária a fôrça daquela mãozinha em defesa de seu segrêdo; senti que não poderia tê-la forçado a abrir-se, ainda que o tivesse tentado sèriamente — mas, ao tocá-la e chocar-me contra os seus cálidos seios, o meu desejo tornou a acender-se, e ainda mais se inflamou quando ela resistiu violentamente e procurou com todo o seu vigor impedir-me, de sorte que assim me ocupei mais com êste intento do que em apoderar-me do medalhão. Defendia-se vigorosamente, mas nessa luta o seu desejo também acordou; de repente, rendeu-se e deixou-me que a tomasse nos braços; apertou-me contra si, embora eu não fôsse o homem certo — não o amado, mas um estranho — e fundimo-nos em um selvagem arrebatamento — mais selvagem e furioso exatamente por causa disso — arrebatamento que alcançou uma culminação ainda mais completa do que em qualquer das outras vêzes, durante a noite; e de modo diferente. Entre os seios dela, eu sentia contra meu peito hirsuto, o medalhão com o retrato de seu verdadeiro amor, o autêntico, aquêle que não era como nós outros, o da fronte límpida, aquêle de quem ela daria testemunho perante deus.

Posteriormente, apertando o rosto contra o travesseiro, desfez-se em lágrimas — um pranto convulsivo que a sacudia tôda.

Assim começou o nosso amor. Agora, ao que sobreveio.

Visitei-a muitas e muitas vêzes, sempre introduzindo-me furtivamente pela passagem estreita e a escada escura e exígua. Pelo que me constasse, a pequena porta que abria para a viela não era usada por ninguém — ninguém a não ser eu. A frente do palácio — pois de fato era um velho palácio — ficava no lado oposto, dominando uma praça; ali estava a entrada principal, que eu prudentemente evitava. O meu acesso era furtivo, desconhecido e insuspeitado por quem quer que fôsse: o cavernoso corredor com cheiro de argamassa e umidade, e de lajes tão escorregadias que fariam resvalar um incauto. Era preciso tentear o caminho, apalpando a parede gotejante. Se não fôsse de fato uma passagem secreta, veio a sê-lo graças a mim. Eu a usava apenas na escuridão: depois do anoitecer e mais tarde, quando ia para casa — e então percorria a tortuosa viela com tôda a precaução, a fim de que ninguém me surpreendesse, a tais horas com minhas vestes sacerdotais. Se tal acontecesse esperava que me julgassem de volta da cabeceira de um moribundo, onde ouvira a última e torturante confissão de uma pobre alma.

Que assim fôsse o caminho do nosso amor não era para surpreender, pois assim era o nosso próprio amor. Tortuoso, esquivo à luz, conservado a todo custo em segrêdo: um amor clandestino que tinha de ocultar-se numa toca de rato — toca de rato que era um quarto de palácio, luxuosamente mobiliado mas que, no entanto... Nunca tornei a contemplá-lo ou nunca o fiz livremente, pois não nos arriscávamos a acender senão a mínima luz possível, para que não fôssemos observados pelos criados, para os quais a ama devia estar dormindo profundamente. E ali permanecer até a aurora, como naquela primeira noite em que, exauridos pelo prazer, adormecemos um nos braços do outro, era uma coisa que eu não corria o risco de tornar a fazer.

O vertiginoso apogeu do amor passara, seguindo-se-lhe o cotidiano da paixão: a paixão satisfeita, não alimentada por um estímulo nôvo. Éramos recìprocamente atraídos pelo nosso desejo, pela necessidade de mútua união de nossos corpos. Ela vinha de uma longa abstinência em seu casamento com o velho a quem fôra dada na mais tenra juventude — e sempre com o medalhão entre os pequenos seios que iam fenecendo cada vez mais. Não era para admirar, pois, que ardesse por ser finalmente satisfeita, ainda que não com o homem de seus sonhos, o verdadeiro amado. Antes que fôsse tarde demais. E eu que jamais conhecera mulher — jamais tocara uma tépida epiderme de mulher

ou sentira a fragrância de uma exuberante e úmida cabeleira feminina — afinal respirava o cheiro de uma fêmea e via-me em delírio por êle e pelo desejo de torná-lo a respirar, uma e muitas vêzes. Nenhum de nós podia libertar-se do outro, por mais equívoco que fôsse tudo o que havia entre nós, e por melhor que compreendêssemos a ilicitude de nossas relações. Pois de fato estávamos cometendo um pecado mortal: adultério não só em nossos corações, senão inteiramente consumado do modo mais vergonhoso, na própria casa do marido enganado, entre um confessor e sua penitente — pecado capaz de encher de asco a deus e ao homem e condenar-nos ambos ao fogo do inferno. Mas, com assombro, descobri que isto só parecia inflamar o meu desejo e prazer, e tornar-me ainda mais impetuoso e insaciável.

Quais os sentimentos dela, eu não poderia dizer ao certo, embora fôsse evidente que experimentava algo da mesma espécie. Mas também sofria, de um modo diferente do meu; e freqüentemente, enquanto descansava na paz do desejo satisfeito, eu a ouvi chorar mansamente ao meu lado, no escuro. Às vêzes, falava do amado: de sua aparência, e de quão horrível seria se algum dia viesse a saber disto — dos nossos amôres. Mas que êle, tanto como o marido dela não lhe dava atenção ou não a queria, eis o que não contava. Fui eu que lho recordei.

Continuava repisando que eu lhe era totalmente desconhecido — um completo estranho. Insistia neste ponto. Entretanto, para mim ela não era menos estranha. Quando pela primeira vez aplaquei a minha paixão, não a vira realmente sequer uma vez. E, afinal, ela não era como eu esperara, aquela que havia imaginado e em tôrno da qual tecera as minhas fantasias. Aquela com quem havia sonhado era diferente da que agora estava deitada ao meu lado, precisamente como o seu verdadeiro amado cuja imagem guardava no medalhão entre os seios, era alguém diferente de mim.

Assim, nós nos recriminávamos e feríamos mùtuamente, e nos dizíamos palavras ríspidas e cruéis. E, quando nos separávamos, não o fazíamos como geralmente o fazem dois ternos amantes — ou talvez nos separássemos como amantes, mas sem ternura.

O que não nos impedia de tornarmos a encontrar-nos. Ambos sabíamos que tínhamos de voltar um para o outro.

Desde o comêço, as nossas relações amorosas se basearam no êrro, na burla e na falsidade consciente ou inconsciente, isso em um grau ainda maior do que o amor em geral. A paixão comum é mais honesta e cândida, no sentido de que cada um diz ao outro a verdade e o ajuda a destruir as suas ilu-

sões, ainda que freqüentemente de um modo cruel e implacável. As conexões entre duas pessoas se tornam mais autênticas e mais sinceras, quando nelas há menos amor. É amargo, mas ah! é verdadeiro.

Conosco, entretanto, a nossa fraude exterior crescia; éramos compelidos a novas burlas para manter em segrêdo a nossa ligação. É estranho quanto temos de mentir, uma vez que começamos; como somos forçados a prosseguir nesse caminho, queiramos ou não, até que nos vemos enredados numa emaranhada rêde de mentiras e meias verdades das quais já não podemos dissociar-nos. Teremos de mentir a propósito de insignificâncias e coisas que nada têm com a grande mentira central. A falsidade original poderá ser decisiva e essencial, mas as mentiras que acarreta serão absurdamente insignificantes.

Eu tinha de mentir e ela tinha de mentir, cada qual em sua própria esfera. Eu ao meu velho confessor e aos irmãos de ofício, que não podiam deixar de notar a mudança em mim operada e a minha crescente indiferença pela missão e meus deveres de sacerdote. Antes de mais nada, naturalmente tinha de mentir a minha mãe. A mulher tinha de mentir àqueles que a cercavam diàriamente: ao marido, à família dêle e dela, aos amigos de ambos. Também ao Padre Bento, seu confessor. O marido era o mais fácil de enganar, porque, depois

de uma longa vida de devassidão, agora vegetava num estado de declínio físico e mental numa parte do velho palácio — que, semelhantemente, entrara em idade e decadência. Por intermédio de outros, contudo, poderia ter descoberto o que se passava — como no fim aconteceu.

Para mim, o mais difícil foi esconder o caso a minha mãe. Ela não devia perceber as minhas ausências noturnas: tinha eu, pois, de esperar que ela adormecesse para então esgueirar-me tão sorrateiramente como me fôsse possível. Mas sentiu que algo de suspeito estava acontecendo e ficava acordada — embora simulando dormir — para espreitar a mim e aos meus movimentos. Quando eu voltava, pela manhã, também freqüentemente estava desperta, segundo percebi; devia dormir pouco. Esquadrinhava as minhas coisas nos seus esforços para descobrir um rastro, e o seu instinto materno — ou que nome tenha — em breve a levou à compreensão do que me sucedera e da natureza dos meus passeios noturnos. Passou a interrogar-me; dirigia-me perguntas enganadoras, matreiras, às quais não era fácil dar respostas convincentes. Eu fazia o possível mas ela não se rendia, e finalmente descobriu exatamente o que acontecera.

Em seguida, pôs-se a procurar qual a mulher que lhe engodara o precioso filho, envolvendo-o em sua diabólica rêde. Não sei como o conseguiu, mas localizou-a. Traiu-se pela incapacidade de ocultar o seu

pasmo ao saber que a vil criatura provinha de família tão distinta. Isto de modo algum modificou o seu ódio ou o tom maligno que êste lhe imprimiu ao velho rosto, o que registrei junto com a expressão de pasmo. Dir-se-ia que eu ainda nunca vira realmente aquela face que me era tão familiar. De fato, percebi traços, em minha mãe, que jamais havia notado, ou aos quais nunca prestara bastante atenção. Deviam estar sempre ali, naturalmente, embora a sua terrível manifestação até então nunca me tivesse visado, de modo que não fôra atingido por ela; e, em tais casos, difìcilmente nos damos conta da maldade dos que nos cercam.

A sua ira se dirigia agora principalmente contra mim. Crivava-me de chacotas e censuras perversas que tinham muito de execração. Estranhamente, não procurava reconquistar-me, convencer-me a renunciar ao meu hediondo pecado, a reencontrar o caminho de deus. Talvez fôsse esta a sua intenção, mas nunca o disse. Não era de seu feitio, penso eu, pedir e suplicar. Em vez disso, enfurecia-se — ameaçava-me e esbravejava — invocando a maldição de deus sôbre mim, como se eu a tivesse traiçoeiramente privado, ou antes ao seu deus, de algo que pertencia a êste — o que, na verdade, eu fizera. Pois ela não entregara a mim — o seu filho — aos braços amorosos de deus, em vez de reter-me para si mesma? E agora eu privara deus dessa preciosa doação, de sorte que a cólera divina devia cair tan-

to sôbre mim como sôbre ela. Pintou-me todos os tormentos do inferno — tudo o que um padre, um homem dedicado a deus, poderia esperar quando quebrasse o sagrado voto de castidade e se tornasse fornicador e adúltero: a pior coisa imaginável, pela qual o diabo tinha permissão de torturá-lo ao máximo. Deleitava-se com a idéia dêsse tormento. Ofertava-me ao diabo com o mesmo zêlo ardente com que antes me ofertara a deus: aos seus braços, como um dia o fizera aos braços de deus. Aos seus próprios braços nunca me atraiu. Era agora tão desumana como então, e ocorreu-me um pensamento que, curiosamente, nunca me cruzara o espírito: em pequeno, jamais me tratara como a uma criança — como a seu filhinho, simplesmente. Não me recordava de que me houvesse tratado com carinho, afagado a minha cabeça, ou gracejado comigo, ou puxado a minha orelha, ou passado a mão debaixo do meu queixo, ou qualquer coisa dêsse gênero. Eu era sempre uma coisa especial, sempre o eleito — o eleito dela e de deus; o que seria ofertado, entregue — a alguém mais. Ao Deus Todo-Poderoso, para seu uso. Em favor d'Êle, renunciara ao filho único.

Agora, ofertava-me ao diabo.

Talvez eu nunca lhe fizesse um carinho? Não me lembro, e de fato nunca pensei nisso até êste momen-

to. Assim, tudo pode ser mais complicado do que imaginei.

Entretanto, nunca me estimulou a isso, e não acredito que ela o desejasse.

Mas, de qualquer forma, eu o poderia ter feito.

O seu comportamento era tal que também me tornei irascível — e mesmo, posteriormente, furioso. Entramos em choque repetidas vêzes, e o nosso lar, dantes tranqüilo, encheu-se de disputas e cenas de violência. Por certo, ambos tínhamos culpa; mas sua maneira de encarar o meu abominável escândalo, conforme chamava o caso, e a depravada criatura que me desencaminhara — tôda essa vergonhosa e torpe ligação — era-me tão repugnante que, sem a mínima compreensão ou piedade, condenei-a como um ente vil e desprezível. Passei a detestá-la; não tinha em nenhuma consideração que fôsse minha mãe e que dantes os meus sentimentos por ela tivessem sido inteiramente diferentes. Pelo contrário, acredito que isso me amargurava mais ainda. Nela, tudo agora me parecia repulsivo, e a minha tendência para perceber o lado burlesco e tolo de seu comportamento e de seus discursos tornava-me tão maligno e tão maldosamente crítico como ela própria. Não me furtava a nenhuma ocasião de tirar-lhe a máscara, e ainda me lembra o júbilo que

senti quando, num acesso de fúria, me revelou inconscientemente que ela, de origem humilde, achava um tanto compensador houvesse eu, afinal de contas, traído deus com uma mulher de estirpe nobre.

Vendo que de mim nada alcançaria, e sem saber que destino dar a todo o seu veneno, recorreu ao nosso velho confessor para lhe contar o que se passava comigo e pedir-lhe conselho. Na verdade, não se importava com o conselho dêle ou de quem quer que fôsse; era incapaz de tal coisa; mas sabia exatamente o que queria e como consegui-lo.

Êle ficou profundamente aflito com o que ouviu. Mas, solicitado a conversar com um dos meus superiores e dar parte de meu pecado, recusou-se redondamente. Tinha-me em grande afeição, como eu a êle, e era um homem de muito bom coração para agir dessa maneira. Eu nada falara, em confissão, a respeito do caso, retrucou, e portanto não tomaria conhecimento do pecado, por mais grave que fôsse.

Esta atitude pareceu a ela afrontosa e irresponsável; e assim era. Mas foi a resposta dêle.

Êsse velho, a quem eu muito venerava e queria, finalmente me falou, tentando influenciar-me com palavras sábias e doces, e ajudar-me a vencer uma paixão que, segundo compreendia, era das que poderiam assaltar mesmo a um homem consagrado. Escutei-o com submissão e boa vontade, mas esta era a única maneira como poderia demonstrar a veneração e o afeto que lhe dedicava. Dar-lhe uma

alegria, eu não podia fazê-lo: estava inerme contra a paixão que me dominava, e não tinha escolha.

Minha mãe percebeu o malôgro dêle e compreendeu que êste homem doce nunca poderia refrear-me ou subjugar o espírito mau que se apoderara de mim. Pôs-se então a explorar a sua mansidão e fraqueza, e pressionou-o incessantemente para que falasse a meu respeito com o padre da igreja de Santo Tomás, o principal responsável por mim e pelas minhas más ações. Dizia-lhe que era de seu dever fazê-lo. Finalmente, êle admitiu a verdade dêste ponto, embora persistisse em sua recusa. Mas ela, na sua maldade para comigo, no desejo de vingar-se de mim e ferir-me, e — o que como sempre não era o menos importante — em sua ambição de prevalecer, continuou a coagi-lo, tirando tôda paz ao pobre ancião. Bem se poderá indagar por que tanto fanatismo; parecia endemoninhada, e finalmente comecei a entender que natureza violenta se ocultava debaixo daquele plácido exterior. Evidentemente, o seu amor materno — sempre deformado — deturpara-se em algo semelhante a ódio contra mim, e não levava em conta a minha condição de seu filho mais do que eu a de ser ela minha mãe; em nossa amarga inimizade, pelo menos, éramos semelhantes.

Finalmente, o velho cedeu e aceitou a missão que lhe era apresentada como obrigação, mas que por

tanto tempo e tão obstinadamente recusara tomar a seu cargo.

Mais tarde, quando viu as conseqüências, ficou perturbadíssimo pelo que fizera — arrasado — embora não tivesse feito mais que o seu dever. Não se deve cumprir o dever, repetia sem cessar — segundo me contaram — e êste incidente em sua vida sossegada tirou-lhe anos de vida; dizem que nunca se perdoou isso.

Tal era êste homem realmente bondoso — talvez uma das poucas pessoas boas de uma cidade exuberante em igrejas, padres, fiéis, adoradores e tôda essa turba de variada espécie — que de algum modo me acusaram e foram a causa da minha queda. Se êste fôr o têrmo certo.

Os acontecimentos agora se precipitavam, e o meu destino devia ser em breve decidido.

Primeiramente, fui suspenso das minhas funções, embora secretamente, a princípio: proibiram-me de falar acêrca disso a quem quer que fôsse. Não tardará a ser do conhecimento geral, disseram-me a título de consôlo.

Em seguida, foi aberto um inquérito — igualmente secreto — para apurar o que acontecera, como começaram as minhas relações com a mulher, quem de nós as havia iniciado, e muitas outras coisas. Êsses pontos tocavam questões delicadas e decisivas, e o Padre Bento — homem respeitadíssimo, sutil e perigoso — foi envolvido nos trâmites e den-

tro de pouco tempo estava, substancialmente, à testa das investigações.

Visitou a sua penitente e perguntou-lhe, com brandura, se tinha algo na consciência, e se fôra por isso que, havia tanto tempo, não se confessava com êle. Se assim fôsse, teria satisfação em ouvi-la e ajudá-la a encontrar a paz com deus, pois sua penitente lhe era muito cara e êle sabia quão opressivo se tornava não ter com quem desabafar, e quanto desgôsto e aflição daí resultavam.

Não poderia ter feito apêlo mais astuto nem eficaz, pois o coração dela se achava realmente oprimido em função disso. Verdadeira crente, sentia-se infeliz e ìntimamente dilacerada por causa de sua culpa e angustiosa separação de deus. E ainda que experimentasse repulsa pelo confessor da família, e sempre o tivesse temido, foi um alívio para ela falar daquilo que lhe produzia semelhante angústia, e constituiu prêsa fácil para a diuturna experiência do Padre Bento, como cura de almas nos círculos a que ela pertencia e onde ambos se sentiam igualmente à vontade. Era muito entendido em questões da natureza humana, especialmente quanto aos seus vícios e enfermidades, dos quais tinha uma visão penetrante e talvez profunda, embora o seu julgamento não fôsse menos incorruptìvelmente severo a êsse respeito, quando necessário. Mas, homem tolerante, nem sempre considerava existente tal necessidade.

Pouco a pouco, tudo extraiu dela.

Soube, assim, que se confessara comigo em Santo Tomás em vez de o fazer com êle, e que a nossa ligação ocorrera nesse processo. Sob forte pressão — pôsto que êle se lhe dirigisse com uma voz constantemente doce — ela admitiu que essa atração ilícita nascera no curso da própria confissão, e que eu realmente me aproveitara dêste sacramento para requestá-la e aplanar o terreno para a sedução. Finalmente, eu a acompanhara quando ela voltava da igreja para casa e penetrara no palácio, a fim de consumar o meu propósito.

A partir de então, ficara prêsa a mim pelo desejo pecaminoso, uma irresistível paixão que ela ansiava por confessar com tôda a sinceridade, sabendo-a pecado mortal que a condenava ao fogo do inferno; tinha de desafogar o coração e fazer uma cabal confissão. Aspirava a lançar-se nos braços de deus e de sua santa igreja, por maior que fôsse o seu pecado e por mais perdida que estivesse: era êsse, como agora via, o único caminho. Se houvesse alguma expiação, alguma penitência tão severa que por meio dela pudesse ver-se salva do castigo eterno e arrancada aos queixos do inferno, a ela se submeteria, cheia de gratidão. Mas não podia acreditar que assim fôsse.

Eu soube de tudo isto na audiência do tribunal do consistório, perante o qual fui convocado, e que teve como resultado ser eu degradado, excomungado e para sempre excluído do serviço da igreja,

Não preciso dizer que violento abalo sofri — não porque fôsse privado das funções, rejeitado, expulso, mas porque ela mentira a meu respeito. A meu respeito, a respeito de si e de nossa união. Senti-me especialmente ferido pela mácula que lançara sôbre aquela sagrada noite de amor que tínhamos vivido juntos, e que para mim sempre foi o maior milagre que poderia haver. Será que foi?

Naturalmente, talvez não tenha dito tudo isso: podem ter exagerado as suas acusações contra mim e a sua versão do que aconteceu. Eu não podia ter certeza, pois fui privado de tôda oportunidade de vê-la. Ainda assim... Nos pontos essenciais ela falara a verdade, e isso era mais do que o suficiente para que me lançassem à extrema execração. Saí do consistório deixando os meus venerandos superiores e colegas num estado de violenta exaltação, cólera e desprêzo.

O homem que sôbre todos influiu para que a minha sentença fôsse a mais severa foi o Padre Bento; e foi êle quem relatou o que ela dissera na confissão. A sua atitude para comigo não foi benévola, para não dizer mais; na verdade, creio que se ofendeu porque ela se confessara comigo, em vez de o procurar: um sacerdote insignificante da insignificante igrejinha de Santo Tomás. Naturalmente ignorava de todo a razão disso: ela não a mencio-

nara na confissão. Não traíra ao seu verdadeiro amor: traíra apenas a mim.

A sentença contra ela foi menos rígida, sendo uma das razões, sem dúvida, a alta condição de sua família; ademais, bem lhe conhecia o Padre Bento as peculiaridades e a natureza imaginativa, que, com freqüência, ora o divertia ora o perturbava, e que poderia fàcilmente, segundo lhe parecia, desencaminhá-la se fôsse entregue a si mesma ou a alguém bastante implacável para se aproveitar disso. Aqui, naturalmente, estava em guarda contra mim; participava sinceramente do ponto de vista dela: de que eu a seduzira. Que durante todo o interrogatório eu não pronunciasse uma só palavra em minha própria defesa surpreendeu a algumas pessoas, mas só serviu para confirmar a todos na crença de que a minha culpa estava inteiramente provada. Como de fato estava.

Foi por meio do Padre Bento, seu confessor de longa data, que o marido soube do adultério, e sem dúvida o caso lhe foi apresentado da maneira mais adequada. Deve ter sido, realmente, um singular tema de conversa para êles, tantas vêzes um apurara o ouvido confidencial às histórias do outro, de uma longa vida de pecados, escutando-as com boa vontade e indulgência e, por vêzes, com uma ponta de prazer. Diziam que o rosto pálido e balo-

fo do distinto e velho senhor assumiu uma expressão de divertimento, com um sorriso torto na bôca frouxa, um canto da qual estava sempre babando. Isso, porém, não o impediu de fechar a espôsa a chave no quarto e mandar erguer uma parede na entrada da úmida passagem secreta, que fôra localizada como meio de nosso pecado. Assim, nem ela escapou ao castigo.

Mais tarde, parece que lhe foi permitido deixar a prisão, se assim se pode dizer, para ir à peregrinação imposta como expiação de seu grave pecado — a peregrinação que tão ardentemente desejava fazer. Pelo menos, foi o que ouvi contar. Nessa ocasião, já não estava lá.

A minha degradação e as suas causas agora se haviam tornado geralmente conhecidas, como era esperado. Fácil é imaginar a sensação que despertou numa cidade como aquela, onde a igreja e o clero desempenhavam um papel tão grande e tão dominante. Um padre e uma mulher de uma das famílias mais eminentes e distintas! E ainda por cima, uma mulher casada! Era algo inaudito, e a animosidade naturalmente se voltou mais furiosamente contra mim, o padre sedutor. Tôda a população daquela pia cidadezinha se aliou contra mim, transformando-me no objeto do desprêzo e do nojo universal. Não podia sair à rua sem que as outras pessoas me

invectivassem — com as palavras mais grosseiras que lhes ocorriam — e as crianças me jogassem pedras. Alguns até me cuspiam no rosto, ou tentavam fazê-lo. Um colega meu da igreja de Santo Tomás, da mesma idade que eu, logrou atingir-me, o que pareceu dar-lhe grande satisfação. Era como se fôsse caçado, acuado por sórdidos cães danados; perseguiam-me desde o instante em que aparecia na rua até entrar em casa, onde então encontrava minha mãe tomada de fúria selvagem. Por tôda a parte! Eu era acossado onde quer que estivesse.

O homem, essa bêsta perversa, ladrava atrás da caça.

Finalmente, não mais pude suportá-lo. Saturado de repulsa por tudo isso, deixei a cidade — deixei a casa de minha mãe e do crucificado, batendo com a porta ao sair.

A última visão que tive dela foi de seus cabelos grisalhos e ralos, que lhe sobressaíam das têmporas cavadas, e dos olhos, que tinham uma expressão de desvario — quase aterradora. Que expressão tinham os meus, não o sei, naturalmente: não podia vê-los. Mas, certamente, ela o registrou.

Com o tempo, vi-me a bordo dêste navio, onde, de um modo geral, tenho-me sentido satisfeito — on-

de a vida é áspera, brutal, sangrenta e, se não é exatamente honesta, pelo menos não é uma mentira. No mar, o mar infinito, indiferente a tudo, sem me importar com nada, nem com o diabo nem com deus — inumano. E isso, certamente, é bom: a gente *tem* de sentir-se assim, se aprendeu a conhecer os homens. E as prostitutas nos portos — essas não pretendem ser mais do que são, e satisfazem-me muito bem com o seu perito, honesto trato amoroso.

Agora você ouviu a história de minha vida e pode julgar-me conforme lhe aprouver.

Giovanni calara-se. Ambos estavam deitados em silêncio, sob a noite estrelada. Não se ouvia nenhum sussurro das águas contra o casco, e, por todos os lados, o mar se estendia escuro e calmo.

Tobias tinha o espírito em efervescência: O único elemento em desassossêgo através de tôda aquela perfeita quietude. A história que ouvira ocupava-lhe a consciência, absorvia-o e perturbava-o grandemente com a sua amarga mensagem.

Cruzando seus melancólicos pensamentos, ouviu uma tranqüila risadinha de Giovanni: um riso aparentemente sem causa. Soerguendo-se sôbre um cotovêlo, viu que Giovanni fizera o mesmo, e apalpava o peito hirsuto, em busca de algo. Achou. Era um medalhão — simples, liso — de prata sem dúvida. Parecia uma coisa minúscula na sua manápula calejada.

Tobias compreendeu que devia ser dela, e quando perguntou, Giovanni confirmou de cabeça. Encontrou dificuldade em abri-lo com a espêssa unha do polegar, mas afinal o conseguiu e, erguendo-o à luz das estrêlas, bastante forte para a visão de perto, mostrou-o a Tobias.

Estava vazio.

Relatou como lograra furtá-lo na última vez que estivera com ela, quando já pressentia que a aventura se aproximava do fim. Não tentara arrebatá-lo em uma luta que, como no comêço, poderia haver terminado num ardente enlace, embora já então isso fôsse pouco provável; furtara-o simplesmente, pela calada, para descobrir a quem ela amava de fato — para finalmente despojá-la do seu segrêdo.

Quando se despediu dela — êsse viria a ser o último encontro — e de nôvo ficou só, abriu o medalhão e achou-o vazio.

O verdadeiro amado não existia: aquêle que era diferente de nós outros, aquêle que tinha a fronte pura, aquêle de quem ela havia de dar testemunho perante deus. Não existia — jamais existira.

Diziam que ficara fora de si quando descobriu a perda — que isso a aniquilara. Provàvelmente nunca soube o que acontecera, tendo suposto que o deixara cair.

Mas o retrato do amado fôra-se para sempre.

Durante alguns momentos, tornaram ao silêncio, estendidos lado a lado, sem se olhar.

— Que houve com ela, posteriormente? — perguntou Tobias, a meia voz. — Você sabe? Ela ainda vive?

— Não, morreu há muito, muito tempo. Morreu na peregrinação de que falei.

— Hã. E que peregrinação era essa? A que lugar?

— Era uma peregrinação à Terra Santa.

— Ah... Foi isso?

— Sim. Mas nunca chegou lá. Morreu justamente quando avistavam terra, pelo que ouvi dizer.

— Então não chegou lá. Nem mesmo isso...

— Nem isso.

Tobias trançou as mãos sôbre o peito e olhou para o firmamento cheio de ardentes luzeiros.

Nunca chegou — nunca chegou.

Pensava no que há de supremo e sacrossanto na vida, e em qual poderá ser a sua natureza: pensava que isso talvez exista apenas como sonho e não possa sobreviver à realidade, ao despertar. Mas que, não obstante, existe. Que o perfeito amor existe, e a Terra Santa existe; acontece apenas que não podemos chegar lá. Que talvez apenas estejamos a caminho de lá — somos apenas peregrinos sôbre o mar.

No entanto, o mar não é tudo: não pode ser. Deve haver algo além dêle, deve haver uma terra para além da vasta e desolada extensão, e das grandes profundezas que são indiferentes a tôdas as coisas: uma terra que não podemos alcançar, mas da qual, todavia, estamos a caminho.

E pensava em Giovanni guardando consigo aquêle medalhão, acariciando-o, jamais querendo sepa-

rar-se dêle, mas trazendo-o constantemente no peito, embora vazio. E ainda que não tivesse estado vazio, traria a imagem de outro homem. Entretanto, sempre o levara consigo, como ela também o levara entre os seios, junto do coração.

Quão precioso, quão indispensável devia ser.

Embora vazio.

Assim pensava êle, as mãos cruzadas sôbre o peito e os olhos fitos na cintilação das estrêlas, enquanto o navio deslizava imperceptível para diante, sôbre o mar infinito, sem destino.

ENCONTRO COM O MAR, que faz parte da série de obras iniciadas com BARRABÁS e dedicadas pelo Autor à análise da Fé Cristã, é o complemento de seu outro livro — A MORTE DE AHASVERUS —, publicado em português pela Editôra Globo, na Coleção Catavento.

Êste livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas
da Livraria do Globo S. A. em Pôrto Alegre
Filiais: Santa Maria, Pelotas e Rio Grande

EDIÇÃO 2278 A — Para pedidos telegráficos dêste livro, basta indicar o número **2278 A**, antepondo a êsse número a quantidade desejada. Por exemplo, para pedir 5 exemplares, é suficiente telegrafar assim: **Dicionário — Pôrto Alegre — 52278 A.** Desejando-se encomendar 10 ou mais exemplares, não é necessário transmitir a letra **A.**